

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**JUSCILENE ANDRADE DE OLIVEIRA BITTENCOURT**

**MUSICALIZAÇÃO E INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA  
MÚSICA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DAS  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**SÃO MATEUS-ES  
2020**

JUSCILENE ANDRADE DE OLIVEIRA BITTENCOURT

MUSICALIZAÇÃO E INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA  
MÚSICA NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DAS  
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do  
Cricaré para obtenção do título de Mestre em  
Ciência, Tecnologia e Educação.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Sônia Maria da Costa  
Barreto

SÃO MATEUS-ES  
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

B624m

BITTENCOURT, Juscilene Andrade de Oliveira.

Musicalização e infância: contribuições da música no processo de adaptação das crianças na educação infantil / Juscilene Andrade de Oliveira Bittencourt – São Mateus - ES, 2019.

75 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sônia Maria da Costa Barreto.

1. Educação na Infância. 2. Música. 3. Lúdico. 4. Socialização.  
I. Barreto, Sônia Maria da Costa. II. Título.

CDD: 371.33

**JUSCILENE ANDRADE DE OLIVEIRA BITTENCOURT**

**MUSICALIZAÇÃO E INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA  
NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**  
**Orientadora**



---

**Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**



---

**Profa. Me. Luana Frigulha Guisso**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**



---

**Prof. Dr. André Luís Lima Nogueira**  
**Fundação de Amparo à Pesquisa do**  
**Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)**

Dedico este trabalho a Deus, pela oportunidade, coragem, sustentação, fé, criatividade e oportunidade de realizar esta tarefa de caminhar para ser Mestre.

Aos meus pais, por acreditarem e sempre apoiarem os meus projetos.

A minha família: meu esposo Samuel e minhas filhas Isabela e Isadora, pela paciência e incentivo no decorrer destes anos de empenho em prol desta pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Com grata satisfação, registro minha gratidão ao nosso Senhor Jesus Cristo, pelo imensurável e indescritível privilégio de chegar até aqui e me permitir sonhar, acreditar e concretizar mais uma etapa da minha vida profissional.

Agradeço a minha família. Em especial aos meus pais Olavo e Zenídia; aos meus irmãos, ao meu esposo Samuel e minhas filhas Isabela e Isadora, os quais não mediram esforços para que este sonho se tornasse realidade. Estão sempre ao meu lado, com amor, paciência, carinho e fé.

Agradeço aos meus amigos, aos antigos e aos novos colegas mestrandos que ganhei.

Agradeço aos professores, pelos ensinamentos. Em especial à minha Orientadora, Dra. Sônia Maria da Costa Barreto, que acreditou e colaborou muito para a conclusão deste projeto, me orientando e contribuindo para o aperfeiçoamento da presente pesquisa.

Agradeço ao CEIM Sementinha e toda a sua equipe maravilhosa, que me acolheu como pesquisadora e me deu a oportunidade de colocar em prática as ações necessárias, tanto teóricas como práticas, na concretização desta pesquisa.

Por fim, sou grata a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, participaram e contribuíram na realização do meu sonho de tornar-me MESTRE!

A música tem um grau de importância muito elevado na sociedade. Infelizmente muitas das vezes ela passa despercebida.

*Wagner'd Rock*

## RESUMO

BITTENCOURT, Juscilene Andrade de Oliveira. **Musicalização e infância: contribuições da música no processo de adaptação das crianças na Educação Infantil**. 2020. 75 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus, Espírito Santo, 2020.

A presente pesquisa se propõe explorar a musicalização e infância: contribuições da música no processo de adaptação das crianças na Educação Infantil, com a compreensão de que a presença da música tem efeitos importantes nesta fase da educação. Assim, o objetivo geral do presente estudo é: Apresentar as contribuições da musicalização no processo de adaptação das crianças em classe de CEIM “Sementinha” em São Mateus/ES e o acolhimento e adaptação na Educação Infantil. Seus os objetivos específicos: Identificar os fatores que influenciam o processo de adaptação da criança ao meio escolar através da música na primeira infância; e sugerir, por meio de práticas pedagógicas, a contribuição da musicalização e sua ludicidade no processo de adaptação das crianças na creche Nível II. A partir do problema e dos objetivos, definiram-se os aspectos metodológicos utilizados para subsidiar a pesquisa: pesquisa bibliográfica e pesquisa-ação no CEIM “Sementinha”, em São Mateus-ES, esta última através de observação, aplicação de Oficina e entrevistas com professoras, pais de alunos, pedagoga e diretora da instituição participante. Como embasamento teórico, alguns autores contribuíram de forma significativa, como: Alencar (2001); Bennett (1986); Brasil (1986, 1988); Brito (2013); Coll e Teberosky (2000); Loureiro (2010); Souza (2002); Zagonel (2012) e outros. Sendo uma investigação descritiva e qualitativa, com base, inicialmente, no acompanhamento e observação de dados teóricos, consistiu, ainda, de pesquisa de campo, a fim de obter-se informações acerca do problema para o qual se procura uma resposta. Entende-se, de modo conclusivo, que a música tem um espaço enorme de exploração dentro do trabalho com a Educação Infantil e deve ser explorada em todas as possibilidades.

**Palavras-chave:** Educação na Infância. Música. Lúdico. Socialização.

## ABSTRACT

BITTENCOURT, Juscilene Andrade de Oliveira. **Musicalization and childhood: contributions of music in the adaptation process of children in Early Childhood Education.** 2020. 75 f. Dissertation (Master) - Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus, Espírito Santo, 2020.

This research proposes to explore musicalization and childhood: contributions of music in the process of adaptation of children in Early Childhood Education, with the understanding that the presence of music has important effects in this phase of education. Thus, the general objective of this study is: To present the contributions of musicalization in the process of adaptation of children in CEIM class "Sementinha" in São Mateus / ES and the reception and adaptation in Early Childhood Education. Its specific objectives are: To identify the factors that influence the child's adaptation to the school environment through music in early childhood; and to suggest, by means of pedagogical practices, the contribution of musicalization and its playfulness in the process of adaptation of children in daycare Level II. Based on the problem and objectives, the methodological aspects used to support the research were defined: bibliographic research and action research at CEIM "Sementinha", in São Mateus-ES, the latter through observation, application of a workshop and interviews with teachers, parents of students, pedagogue and director of the participating institution. As a theoretical basis, some authors contributed significantly, such as: Alencar (2001); Bennett (1986); Brazil (1986, 1988); Brito (2013); Coll and Teberosky (2000); Loureiro (2010); Souza (2002); Zagonel (2012) and others. Being a descriptive and qualitative investigation, based initially on the monitoring and observation of theoretical data, it also consisted of field research, in order to obtain information about the problem to which an answer is sought. It is understood, conclusively, that music has a huge space for exploration within the work with Early Childhood Education and should be explored in all possibilities.

**Keywords:** Childhood Education. Music. Ludic. Socialization.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – Crianças cantando e tocando: autonomia para criação.....	23
Figura 2 – Práticas em família.....	26
Figura 3 – Práticas em família.....	26
Figura 4 – Práticas em família.....	27
Figura 5 – Crianças interagindo no cantinho da música.....	30
Figura 6 – Crianças interagindo com a professora.....	31
Figura 7 – Finalizando a confecção de instrumentos musicais.....	34
Figura 8 – Instrumentos musicais confeccionados pelas crianças.....	35
Figura 9 – Cantando e dançando para descobrir o meu corpo.....	40
Figura 10 – Instrumentos musicais organizados na sala de aula.....	43
Figura 11 – Os instrumentos industrializados.....	46
Figura 12 – Invenção de sopa de bebê com o uso das colheres.....	50
Figura 13 – Crianças chegando chorosas .....	63
Figura 14 – Crianças chegando chorosas.....	63

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 MÚSICA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA.....	18
2.2 INFÂNCIA E SOCIALIZAÇÃO.....	22
2.3 O PAPEL DA ESCOLA.....	28
2.4 BRINCAR E APRENDER NA ESCOLA.....	31
2.5 SONS, MUSICALIZAÇÃO E SIGNIFICADOS.....	47
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>55</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	00
3.2 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	00
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA.....	00
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>57</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>71</b>
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDUCADORES.....	72
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS.....	73
<b>ANEXO ÚNICO – TERMO DE LIVRE ASSENTIMENTO DE DIREITO DE IMAGEM E INFORMAÇÃO .....</b>	<b>74</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A existência humana exige mais que simplesmente o suprimento das necessidades triviais, tais como alimentação e segurança. Há outras nuances e peculiaridades que fazem das pessoas seres diferentes de outros. Desta forma, o prazer, a ludicidade e satisfação são pontos primordiais a serem observados no desenvolvimento dos indivíduos. Esta compreensão traz como consequência as propostas de funcionamento da escola, dos espaços de lazer e da descoberta de novas dinâmicas de vida, a fim de buscar o conhecimento e domínio das habilidades de cada pessoa.

A temática buscou envolver a música e a musicalização, desde muito cedo, na história da humanidade, estão presentes nas comunidades, desde as mais simples até as mais complexas. A própria história da música se apresenta como uma caminhada evolutiva bastante rica de sons, melodias, sentimentos e beleza. E tudo isso pode ser desenvolvido na escola.

Paralelo à educação musical (música) e à musicalização<sup>1</sup> está a escola e a escolarização dos indivíduos, destacada como importante na sociedade, seja pela educação informal, ao redor da fogueira e nas cantigas e brincadeiras de roda (BRANDÃO, 1988), seja pela educação formal, proposta nas academias e institutos modernos. É importante destacar que as crianças foram – e ainda são – o alvo principal da aprendizagem, transmissão e continuidade dos ensinamentos, dos hábitos e das tradições culturais dos mais velhos.

Muitas crianças reagem com choro, no período de adaptação ao espaço da creche, pois não entendem o distanciamento dos seus familiares e o enfrentamento de um universo diferente daquele que é a sua casa. Elas se mostram agitadas e inseguras. Os pais e/ou familiares, por sua vez, também apresentam insegurança e certos temores quanto à qualidade do acolhimento que suas crianças terão por parte dos profissionais que atuam no espaço escolar. Essa realidade escolar infantil se configura como a justificativa pela escolha do tema.

---

<sup>1</sup> Existem diferenças entre educação musical e musicalização. Apesar de ser parecido o significado das mesmas, é preciso distingui-las. A educação musical é mais específica do ponto de vista musical, pois abrange a escrita musical, o domínio do código, que é a maior dificuldade para a maioria das pessoas que pretendem estudar música. Por outro lado, a musicalização tem uma proposta mais abrangente, em que o aluno deve conhecer e definir as diversas manifestações musicais e culturais, ingressando assim em seu contexto sociocultural (PENNA, 1990).

Sendo assim, e em meio às reflexões sobre o assunto, se destaca a seguinte problematização: Como a musicalização pode contribuir no processo de adaptação das crianças da Creche Nível II no Centro Educacional Infantil (CEIM) “Sementinha” no município de São Mateus/ES?

A partir da ótica que relaciona música e educação, especialmente na idade da infância, é que se tem como interesse explorar a musicalização, sua presença e instrumentalização na Educação Infantil. Assim, o objetivo geral do presente estudo é: Apresentar as contribuições da musicalização no processo de adaptação das crianças em classe de CEIM “Sementinha” em São Mateus/ES e o acolhimento e adaptação na Educação Infantil. Os objetivos específicos são: Identificar os fatores que influenciam o processo de adaptação da criança ao meio escolar através da música na primeira infância; e sugerir, por meio de práticas pedagógicas, a contribuição da musicalização e sua ludicidade no processo de adaptação das crianças na creche Nível II.

Entendemos que é primordial que se ofereça uma educação pré-escolar de qualidade, sobretudo, em um ambiente favorável, a fim de que as crianças possam se sentir acolhidas e motivadas visando o sucesso educativo e o bem-estar individual e coletivo, bem como a relação da sua aplicação em fase pré-escolar.

A partir desses contextos, definiram-se os aspectos metodológicos utilizados para subsidiar a pesquisa. Sendo uma investigação descritiva e qualitativa, com base, inicialmente, no acompanhamento e observação de dados teóricos, consistiu, ainda, de pesquisa de campo, a fim de obter-se informações acerca do problema para o qual se procura uma resposta.

Outra justificativa para o estudo, foi que em 2014, a pesquisadora pós graduou-se em Música e Arte, pela Faculdade Vale do Cricaré/ES. Tal formação a despertou para leituras e aprofundamentos na área, com sua utilização mais direta e eficaz no espaço escolar e da interação entre a musicalização e a sala de aula.

Em meio a estudos e leituras e envolvimento na área, constatou que um dos grandes desafios da escola se refere à pouca participação da comunidade e sobretudo, das famílias, quando presidente da Associação Escola e Comunidade (AEC) do CEIM “Sementinha”. Desempenhou as funções de presidente na AEC nos anos de 2009 a 2012 e retornou à presidência em 2018, para um mandato de dois anos, acreditando na maior participação da comunidade.

O lidar com o trabalho na Educação Infantil por vinte anos consecutivos, bem

como a vivência já a dez anos com crianças iniciando o seu contato com a escola, tendo estas que passar pelo período de adaptação, fez com que a autora se dedicasse a aprofundar o conhecimento e compreender esta realidade, a fim de realizar ações que diferenciasses o trabalho com estas crianças.

Assim, ao experimentar a realidade da escola onde desenvolve atividades como educadora foi levada ao aprofundamento na musicalização como contribuição no processo de adaptação das crianças na Creche Nível II. Tendo em vista que, para a criança, a escola é a primeira experiência com diferentes pessoas que não são os seus familiares, ou responsáveis, de contato constante.

Neste espaço de ideias, pensamentos e expectativas, mesmo por menor que seja em seu aspecto físico, se faz necessário o entrosamento entre todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem para a humanização e melhoria da autoestima da criança. Assim, o acolhimento é parte fundamental da adaptação escolar com o propósito de afinar as relações da criança com a comunidade escolar.

Em relação ao aspecto da adaptação e acolhimento, corrobora-se o pensamento de Zagonel (2013), quando destaca que se deve observar com muita atenção que, a partir dos aspectos que regem o acolher, o aconchegar, o proporcionar o bem-estar, o conforto físico e emocional, o amparar, amplia expressivamente o papel e a responsabilidade da escola neste processo.

Levando em consideração os aspectos lúdicos e prazerosos presentes na música e no processo de musicalização, bem como o cotidiano do espaço da Educação Infantil, entende-se que as crianças podem se sentir muito mais acolhidas e adaptadas ao ambiente escolar com a utilização da sonoridade e harmonia. É por isso que a presente pesquisa buscou saber como a utilização da musicalização pode contribuir para o bem-estar das crianças, quando de sua adaptação ao universo da creche.

Como subsídios ao referencial teórico, foram pesquisados autores que desenvolveram estudos sobre o tema, como: Alencar (2001); Bennett (1986); Brasil (1986, 1988); Brito (2013); Coll e Teberosky (2000); Loureiro (2010); Souza (2002); Zagonel (2012) e outros.

E no que diz respeito aos aspectos metodológicos, este trabalho baseia-se em uma investigação descritiva e qualitativa, com base no acompanhamento e observação de dados coletados. Além do levantamento bibliográfico com o objetivo de conhecer as pesquisas já existentes sobre o tema, utilizou-se a pesquisa de campo,

que consiste em obter informações e ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. A pesquisa também se apropriou na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referente e no registro de variáveis que, se presume relevantes, para analisá-los.

Deste modo, foram feitas observações no CEIM “Sementinha”, do município de São Mateus, com os devidos registros acerca do comportamento apresentado pelas crianças. Isto foi complementado por um período de aplicação de Oficina no mesmo local.

Prosseguindo com a pesquisa de campo, desenvolveu-se entrevista com professoras/educadoras (Apêndice A), com os pais de alguns alunos (Apêndice B), com a Pedagoga e com a Diretora, todos referentes à música e suas possibilidades com crianças da Creche Nível II.

Para melhor compreensão do leitor, a presente pesquisa está assim organizada: Capítulo 1: Introdução – apresenta o tema, o problema, os objetivos, a metodologia; Capítulo 2: Referencial Teórico: elenca os autores que embasam os conceitos apresentados e a contribuição no desenvolvimento da escrita; Capítulo 3: apresenta a Metodologia que orienta o curso da pesquisa; Capítulo 5: Apresentação dos Dados e Análise dos Resultados – envolve as falas dos entrevistados e as percepções em forma de resultados da pesquisa desenvolvida, além da sugestão de Oficina a ser desenvolvida na Educação Infantil.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A música e a musicalização são fenômenos presentes no cotidiano dos seres humanos, em quaisquer que forem os espaços, se torna relevante uma discussão própria acerca deles. A natureza, em si, é um universo de sons e melodias, às vezes harmônico e em outras, nem tanto.

A educação, seja ela formal – como se tem atualmente institucionalizada através das escolas –, seja informal – com as crianças sentadas ao redor das fogueiras, ouvindo os mais velhos (BRANDÃO, 1988) –, tem contribuído para o desenvolvimento das sociedades. Para tanto, usa instrumentos dos mais variados e a música é um destes instrumentos.

Desta forma, o presente capítulo se preocupa em destacar os pontos relevantes no que se refere à música para as pessoas. E a culminância da discussão será o amplo mundo que constitui o espaço infantil e a musicalização em seu contexto, sabendo-se que a criança traz consigo, desde muito cedo em sua existência, a sensibilidade para os sons e suas pertinências. A música tem sentidos amplos e está presente na vida de toda a humanidade. É preciso, portanto, buscar a compreensão das suas origens históricas e sua importância.

É certo afirmar que há inúmeras maneiras de interpretar e entender a música, a partir de cada época e diferentes culturas, sua forma de pensar a vida, de agir e administrar valores e conceitos. Assim, os povos antigos, tais como os gregos, por exemplo, se identificaram com a música, fazendo com que ela tornasse uma disciplina, ou uma arte capaz de fazer pensar e educar. O termo “música”, inclusive, tem origem grega, com interessante significado: “a arte das musas”; uma forma de arte que consiste em combinar vários sons e ritmos.

Entende-se, portanto, que a música já faz parte integrante da vida humana, estando presente à volta desde os tempos remotos. Isto é ratificado por Zagonel, quando destaca que “[...] a história mostra que o ser humano sempre sentiu necessidade de documentar e, de alguma forma, eternizar suas criações artísticas para que elas pudessem ser reproduzidas e apreciadas por muitos em qualquer tempo” (2012, p. 21). Deste modo, entende-se que o ser humano elabora suas artes como que para eternizar-se na história, mesmo que elas ainda não se mostrem e sejam largamente divulgadas.

É a partir da música e dos elementos que a compõem que o homem se inspira, cria e marca os fatos que entende como importantes em sua existência, a fim de que sejam verdadeiros registros históricos para o seu presente e para a toda a sua posteridade. O trabalho de pesquisa aqui apresentado acerca da musicalização na Educação Infantil, destaca toda esta inspiração nas crianças que são as protagonistas destes registros com alegria e singeleza.

A educação grega não ocorria apenas pelos livros, mas nas experiências vivenciadas por pessoas através da música. E com o passar do tempo, ela – a música – foi ganhando espaço e passando a ser vista como ensino de canto. É o que se constata nos espaços religiosos, ao longo da Idade Média, com igrejas católicas louvando a paixão religiosa e seu canto gregoriano (referência ao papa Gregório Magno – 64º papa da história da Igreja Católica, entre 590 e 604). Tais cantos litúrgicos, em melodias uníssonas, expressavam a mensagem da palavra de Deus.

Acerca do assunto, dentre as discussões observadas, Loureiro (2010, p. 38) afirma que,

Gregório Magno, papa de 590 a 604, deu ordenação definitiva ao rito, portanto, ao canto litúrgico. Elaborou dois livros, intitulados *antiphonarium* e *cantatorium*, que continha os melhores cantos e os novos hinos, segundo a ordem das festas e cerimônias e, que deveriam servir de norma a toda igreja católica.

Em semelhante prática, os movimentos protestantes utilizaram a música em sua liturgia cúltica. Martinho Lutero, deflagrador da reforma protestante no século XVI, usava a música para desenvolvimento das práticas religiosas solenes de adoração e proclamação de mensagens bíblicas. Sobre isso, Loureiro (2010, p. 41) afirma que “[...] graças à influência dos protestantes e dos católicos, sobretudo dos jesuítas, a educação musical nas escolas até o final do século XVIII foi praticada com fins estritamente religiosos”.

O ensino da música ganhou modernização no Brasil com a mistura dos europeus, africanos e indígenas, iniciando com a vinda dos jesuítas, que utilizaram a educação como uma arma para defender a igreja católica das lutas religiosas que surgiram na Europa. Os nativos que no Brasil já residiam, faziam uso de uma grande variedade de práticas musicais em seu cotidiano comunitário, pois estes “[...] eram eles músicos natos, que, em harmonia com a natureza, cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e a pesca, em comemoração ao nascimento, casamento, morte, ou festejando vitórias alcançadas” (LOUREIRO, 2010, p. 43).

Inclusive, a construção de instrumentos para emissão de sons se destaca entre os povos. Sobre isso, Brito (2013, p. 69) esclarece que “[...] a criação de instrumentos musicais – meios para a expressão sonora – seguiu uma trajetória coerente, adequada às necessidades e possibilidades de cada povo, em cada época e lugar”.

Também os povos de origem africana, que no Brasil chegaram como escravos aos milhares em porões de navios, trouxeram, instrumentos musicais, tais como o ganzá, a cuíca e o atabaque. Com o acompanhamento destes, cantavam e dançavam com sons e ritmos próprios, trazidos de sua terra natal. Com tamanha colaboração, a música brasileira tornou-se esta riqueza de harmonia e variedade vista na atualidade.

Faz-se coro com a perspectiva enfática de Brito (2013, p. 28), quando afirma que,

Por isso, tão importante quanto conhecer e preservar nossas tradições musicais são conhecer a produção musical de outros povos e culturas e, de igual modo, explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para o fazer musical. Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro – próximo ou distante.

E as perspectivas ora apresentadas são importantes na aplicação de ações organizadas e pontualmente aplicadas com as crianças, colocando-as verdadeiramente como protagonistas no envolvimento com a musicalidade do ambiente escolar.

Imigrantes europeus, vindos para o trabalho na agricultura, também trouxeram para o Brasil diversos ritmos, os quais se mesclaram a tantos outros, dando origem à música popular brasileira (MPB). Conclui-se, assim, que “[...] todos esses exemplos mostram que o ritmo não é um elemento presente apenas na música, ele faz parte da nossa vida” (DECKERT, 2012, p. 31).

A cultura popular brasileira, em sua musicalidade, tem em seu bojo, riqueza de materiais e produtos, os quais podem trazer para o ambiente de trabalho escolar – e muito especialmente a sala de aula – oportunidades únicas de desenvolvimento e aprendizagem, pois “[...] a música da cultura popular brasileira e, por vez, de outros países deve estar presente” (BRITO, 2013, p. 94). E isto é possível, inclusive, devido ao amplo desenvolvimento tecnológico, que torna acessível o uso das diversas mídias.

## 2.1 MÚSICA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA

A “música” é a arte de colocar os sons em interação com o silêncio (BENNET, 1986). Ao parar e observar, ver-se-á que os sons estão à volta, concluindo que a música é parte integrante da vida, como criação humana, no cântico no batuque, no momento do uso da TV, do rádio ou outro aparelho sonoro. Atualmente a música se faz presente nas mídias, caracterizando-se como linguagem de comunicação universal, usada amplamente para os mais variados fins, inclusive para apelar à sensibilidade das pessoas a defenderem causas as mais variadas, que vão de boas e éticas até causas controvertidas. A música diverte, anima, distrai, faz com que se divague, sonhando e fantasiando no mundo da imaginação, provoca sensações incríveis: muda ânimos e transforma o ambiente de modo didático e alegre.

A música, naquilo que está mostrado nos séculos XX e XXI está marcada por uma grande variedade de tendências e técnicas. É relevante, todavia, destacar que (COLL; TEBEROSKY, 2000, p. 45),

Torna-se imprudente rotular criações que ainda se encontram em curso. Algumas tendências e técnicas importantes já se estabeleceram no decorrer do século XX. São elas: Impressionismo, Nacionalismo do século XX, Influências jazzísticas, Politonalidade, Atonalidade, Expressionismo, Pontilhismo, Serialismo, Neoclassicismo, Microtonalidade, Música concreta, Música eletrônica, Serialismo total, e Música Aleatória. Isto sem contar a especificidade de cada cultura. Há também os músicos que criaram um estilo característico e pessoal, não se inserindo em classificações ou rótulos, restando-lhes apenas o adicional “tradicionalista”.

Quando produzida e/ou reproduzida, tem em si a influência direta da estrutura e pensamento sociocultural presente no seu espaço histórico e geográfico. Pode-se dizer que é o som local. Ela conta ainda com influências que vão desde o clima até a linguagem utilizada. “A música possui a capacidade estética de traduzir os sentimentos, atitudes e valores culturais de um povo ou nação (BENNET, 1986).

Vivenciar uma nova realidade se mostra sempre um desafio para todo ser humano, em quaisquer que sejam as circunstâncias. O diferente sempre causa impacto. É preciso, então, que se crie mecanismos para facilitar este processo. No caso das crianças, a música se mostra um instrumento interessante.

Para Brito (2003), a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos. Deste modo, tem que ser compreendida em sua linguagem e comunicação, posto que se mostra intencional no tempo e no espaço. O universo escolar é ambiente propício para a sua exploração, compartilhamento e desenvolvimento. Na escola a

música se mostra um instrumento capaz de proporcionar prazer e entretenimento, bem como de aprendizado e crescimento para as pessoas, especialmente as crianças.

Os documentos oficiais, em âmbito nacional no Brasil, enfatizam, seguramente, que a música é importante para o aluno, sobretudo no contexto da Educação Infantil. Este respaldo se registra no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), com propostas pertinentes.

O texto destaca na sua estrutura (BRASIL, 1988, p. 43):

[...] se apoia em uma organização por idades — crianças de zero a três anos e crianças de quatro a seis anos — e se concretiza em dois âmbitos de experiências — Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo — que são constituídos pelos seguintes eixos de trabalho: Identidade e autonomia, Movimento, Artes visuais, **Música**, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade, e Matemática (grifo nosso).

E ainda diz que a prática da Educação Infantil deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam, dentre outras capacidades, a de,

[...] utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva (BRASIL, p. 63).

E no texto referente a área de música, contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) há visíveis progressos em relação à visão do que seja música, e de como pensar a prática pedagógica em música, se comparados com a visão propriamente tradicional existente.

Deste modo, entendemos que o respaldo legal está garantido, visto que a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva e tranquila consciência corporal e de movimentação.

“Neste mesmo sentido, devemos levar em conta a importância das experiências da primeira infância na formação da visão que as crianças têm de si mesmas e de outras pessoas” (GOLDSCHMIED; JACSON, 2006, p. 176), estando elas inseridas na creche, e esta, por sua vez, sendo vista como um mal necessário para a sociedade

(ORTIZ; CARVALHO, 2012).

Então, a compreensão da realidade é que a presença da música na educação auxilia a percepção, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se ainda com habilidades linguísticas e lógico-matemáticas ao desenvolver procedimentos que ajudam o educando a se reconhecer e a se orientar melhor no mundo. Além disso, a música também vem sendo utilizada como fator de bem-estar no trabalho e em diversas atividades terapêuticas, como elemento auxiliar na manutenção e recuperação da saúde.

O trabalho nesta importante fase da formação da criança, o educador deve atentar-se para o fato de que:

A passagem da criança de seu núcleo familiar para a escola de Educação Infantil é um marco no seu desenvolvimento. Não apenas porque isso lhe permitirá viver em grupo, mas principalmente porque entrará em contato com novas situações, será estimulada a pensar e a se posicionar afetivamente em relação a determinados conhecimentos, e isso é condição para uma importante evolução da linguagem e do pensamento. Acompanhar esse processo é o principal objetivo do planejamento do professor (OLIVEIRA, 2012, p. 194).

O professor deve levar em conta um conjunto de fatores que norteiam seu trabalho com as crianças, proporcionando sempre para seu espaço de sala de aula – ou outro espaço que sirva eventualmente como tal – um ambiente que deixe estes miúdos bem mais prontos e aptos para os enfrentamentos próprios desta fase de vida.

As relações sociais da criança, neste “novo mundo” da escola, agora a descobrir, tem importância primordial para a sua aprendizagem daquilo que se tornará parte da sua própria existência. A criança se olhará no outro e repetirá ações dos seus coleguinhas. Será uma troca de experiências.

Nesse sentido, Vygotsky (1991) explica que as funções psíquicas da criança, se desenvolvem por meio de mediações e interações à semelhança daquelas estabelecidas entre os homens ao longo de sua história. A mediação social é o fator primordial para que os processos Inter psíquicos, isto é, os processos que são partilhados entre pessoas, sejam internalizados, transformando-se em processos intrapsíquicos.

Cardoso (2012, p. 56) destaca o seguinte, a respeito da dinâmica da escola com as crianças:

Sabemos que existe uma rotina escolar, mas ela não é tão rígida. Há atividades que acontecem diariamente, no mesmo horário, como o momento de alimentação (lanche e almoço), da roda de conversa e das histórias, do

parque e da higiene (escovar os dentes, lavar as mãos), por exemplo. Enquanto participam dessas atividades, as crianças conversam, prestam atenção no que está escrito a seu redor, enfim, utilizam a comunicação de maneira espontânea. Isso é muito proveitoso, e pode ser mais ou menos explorado, dependendo da intenção do professor.

Com uma compreensão mais próxima da realidade, o ambiente escolar alimenta o fato de que “[...] cada criança se desenvolve de um jeito distinto da outra, inclusive entre irmãos, entre gêmeos” (PARREIRAS, 2012, p. 98).

A música, com sua instrumentalidade específica, e estando presente em diversas situações da vida humana, acompanha as diferentes dinâmicas que surgem. Assim, de acordo com cada sociedade, existe música para adormecer, música para dançar, para chorar os mortos, para conclamar o povo a lutar, o que remonta à sua função ritualística.

Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e, assim, começam a aprender suas tradições musicais. Até o primeiro ano de vida a criança está aberta para receber. Contar histórias, pôr música para tocar no aparelho de som, segurar e beijar, brincar com a fala são estímulos que ajudam sobremaneira o aperfeiçoamento das ligações neurais das regiões sensoriais do cérebro.

A música quando bem utilizada na Educação Infantil também serve de ferramenta incentivadora da criatividade nas crianças, e um fator de desinibição numa convivência coletiva e ela deve ser uma importante fonte de estímulos, equilíbrio e momento feliz para a criança.

Zagonel (2012, p. 8) diz acerca da valorização da música e musicalidade no contexto escolar:

O que se propõe, na verdade, é uma mudança de postura ante o ensino, no qual algumas atitudes são enfatizadas e priorizadas em relação a outras”, refletindo na importância de sensibilizar o aluno, o envolvendo na prática e o fomentando na criação musical.

O ambiente escolar deve oferecer um bom repertório musical, pois serve também para aproximar e trazer uma afetividade maior entre aluno e professor. Este ambiente traz consigo um equilíbrio, principalmente com os sons da natureza e a relação de entendimento entre o barulho e o silêncio.

Dentre os estilos de músicas empregados na Educação Infantil, é possível citar, segundo (COROPOS, 2007):

- As músicas para aconchego, que são as canções de ninar;

- As cantigas de roda, as quais auxiliam no desenvolvimento de movimentos, na oralidade e na iniciação musical escolar;
- Os ritmos africanos, que incentivam as crianças a tocar instrumentos e a dançar ao som de ritmos de tais instrumentos;

Tudo isso ajuda na identificação dos sons e introduz a criança no extenso e maravilhoso universo da expressão artística e cultural do seu povo.

## 2.2 INFÂNCIA E SOCIALIZAÇÃO

Vivenciar uma nova realidade se mostra sempre um desafio para qualquer ser humano, em quaisquer que sejam as circunstâncias. O diferente sempre causa impacto. É preciso, então, que se crie mecanismos para facilitar este processo E com relação as crianças, a música se mostra como instrumento socializador.

Para Brito (2003), a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos. Deste modo, tem que ser compreendida em sua linguagem e comunicação, posto que se mostra intencional no tempo e no espaço. O universo escolar é ambiente propício para a sua exploração, compartilhamento e desenvolvimento. Na escola a música se mostra um instrumento capaz de proporcionar prazer e entretenimento, bem como aprendizado e crescimento para as pessoas, especialmente para as crianças.

O desenvolvimento/crescimento dos seres humanos passa por uma primeira e importante fase da vida: a infância. Outrora pouco reconhecida, atualmente tem sido estudada com afinco, com o propósito de entender as outras fases da existência do homem. No interesse de compreender melhor a origem de definições plausíveis acerca da infância, como algo pertinente para a presente discussão, se faz relevante dizer que,

A infância é a condição social do ser criança, portanto universal e plural, um ser humano de pouca idade, capaz de se apropriar e produzir cultura em interação com outras crianças, adultos e com os artefatos humanos, materiais e simbólicos, sob determinadas condições histórico-sociais; A sua participação constitui uma condição para que se torne um sujeito de direitos. Assim, exige a socialização de informações e conhecimentos (MEINERT, 2013, p. 96).

É de praxe, no conceito comum, a ideia de que a infância está relacionada ao conceito de criança, sendo esses termos aceitos como sinônimos. A criança é um ser humano de pouca idade, um sujeito que está em relação com o mundo, que se produz e é produzido pela e na cultura humana e sob determinadas condições históricas e

sociais. Considerar a criança como sujeito é determinar seu espaço adequadamente, com suas peculiaridades.

Deste modo, de acordo com Luria e Vygotsky (1996), há uma forte distinção entre o desenvolvimento da criança e o desenvolvimento do adulto, pois cada etapa possui suas especificidades. Assim, a criança pensa, age, sente de modo diferente do adulto. Tem vida própria e autonomia para cantar e tocar o instrumento que mais lhe agrada e/ou chama a sua atenção. A Filosofia conceitua a autonomia como a liberdade do indivíduo em gerir livremente e racionalmente as suas próprias escolhas. A autonomia do estudante revela capacidade de fazer as suas escolhas sem total dependência do professor, criando e recriando formas de aprendizagem conforme o seu tempo de aprender, como pode-se visualizar na Fotografia 1.

**Figura 1 – Crianças cantando e tocando: autonomia para criação**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

No pensamento de Luria e Vygotsky (1996, p. 152), as pessoas compreendiam a criança como uma miniatura do adulto. Existindo, inclusive, algo profundamente enraizado na consciência geral, a incoerente ideia de que a criança difere do adulto

somente quantitativamente. Não é preciso mais do que encolher o adulto, torná-lo mais fraco, diminuir suas habilidades e fazê-lo um pouco menos inteligente e ter-se uma criança. Este conceito da criança como um pequeno adulto é muito difundido. Não poucas pessoas consideram o conceito de que a criança é simplesmente uma réplica em miniatura do adulto e que, sob muitos aspectos, a criança não difere radicalmente do adulto, que a criança não é uma criatura singular, completamente diferente.

Partindo, então, do pressuposto de que a criança, mesmo que por séculos tenham sido vistas como um pequeno adulto, preserva características próprias, que as diferenciam qualitativamente dos adultos e não quantitativamente (proporção menor do corpo), deve ser respeitada dentro das leis e atividades próprias para o seu desenvolvimento. E para tanto, deve-se estudar o seu comportamento com uma atenção toda especial.

Tendo feito as devidas ponderações, é possível, assim, compreender melhor o conceito de infância, que pode ser compreendida como a condição social de ser criança, uma categoria social universal e plural. Para Mello (2007, p. 84), “[...] já é bastante conhecida a discussão acerca de que a infância, na forma como a pensamos hoje, é uma construção dos últimos 200 anos da história”. É um pensamento da modernidade, pois a partir da análise de diversas fontes, como pinturas, cartas, dossiês de família.

De acordo com Ariès (2011), até a Idade Média, as crianças se misturavam com os adultos e eram tratadas de maneira similar. Foi na Modernidade, com o surgimento da família nuclear e de instituições educativas que a criança passou a ser vista com outros olhos, como um ser incompleto, que precisa das devidas orientações para se desenvolver.

É válido ainda destacar que a compreensão de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbana, industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto, assim que ultrapassava o período da alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passou a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura.

Este conceito de infância é [...] determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade (KRAMER, 1984, p. 19-20). E a partir desse novo modelo de sociedade, a educação passou a ter um papel central na formação

do sujeito que dela fazia parte, considerado como novo cidadão. Inserida nesse movimento histórico, a educação também “revolucionou” e assumiu o papel de conformação social, ou seja, de preparar o sujeito para esse novo modelo de sociedade. “Com a Modernidade nasce a pedagogia como ciência: como saber da formação humana que tende a controlar racionalmente as complexas (e inúmeras) variáveis que ativam este processo” (CAMBI, 1999, p. 199).

Neste contexto, duas realidades passam a ser revistas no universo social, a fim de que se iniciasse a construção de um sentimento de infância, com um mundo adulto a se diferenciar do mundo da criança: a escola e a família. A primeira passou a tornar-se uma instituição formadora dos códigos de conduta, visando educar a criança em um modelo do cidadão adulto. Também, e conseqüentemente, a família foi conceitualmente reestruturada, pois aquela que “[...] para os homens da Idade Média, existia sobretudo pela solidariedade de linhagem, passará a constituir-se perante vínculos de agregados progressivamente mais reduzidos, mais fechados em si, menos tributários da tradição. É o tempo de consolidação do amor em família” (BOTO, 2002, p. 21).

As Fotografias 2, 3 e 4, do arquivo pessoal da autora (2019), retratam as famílias interagindo com as crianças na confecção e uso de instrumentos com aproveitamento de material, que, provavelmente, seria descartado – Projeto de Musicalização no CEIM “Sementinha”. Tal socialização refere-se de quem o vivencia, do nascimento até à morte – ora em casa, com a família, ora nos grupos de amigos, ora nas creches, nas escolas, nas casas de parentes e/ou de amigos, é a mesma criança quem está em processo de aprendizagem social.

Mudam sim, os locais e as dinâmicas por eles impostas, bem como os comportamentos, as atitudes e os valores relevantes em conformidade com a especialidade de cada um deles. Mas a pessoa continua a mesma, em processo. Hoje tudo isso torna-se mais nítido, e mais complicado, quando a criança é introduzida no mundo institucional dos berçários e das creches, em uma idade em que gerações anteriores permaneciam restritas ao universo doméstico. Portanto, a ação socializadora familiar é importante na relação entre todos os membros que dela fazem parte.

**Figura 2 – Práticas em família**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

**Figura 3 – Práticas em família**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

**Figura 4 – Práticas em família**

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

Relevante, se torna, o fato de que a educação é uma forma de transmissão e apropriação da cultura, sendo o resultado de uma construção histórica. Por meio dela o ser humano tem a possibilidade de se apropriar de parte da herança dos seus antepassados, como legado próprio através de laços familiares. Ao se compreender o conceito de cultura como a unidade entre a produção do homem e o produto da formação que o constitui, infere-se que a educação é a forma que o indivíduo tem de possibilitar-se constituir como ser humano, através da apropriação e transmissão de parte do conteúdo cultural para as próximas gerações. Admite-se, portanto, que, tanto

a escola como a família, estão como parte importantíssima do processo de formação do ser humano, sendo dois espaços de pronta apropriação do legado histórico da humanidade.

### 2.3 O PAPEL DA ESCOLA

Historicamente, a escola exerce um papel intransferível, pois em seu seio a criança apropria-se das experiências culturais acumuladas pela sociedade. Foi criada por esta para formar códigos de conduta, encaminhando a criança para a formação, sempre com base no modelo de cidadão adulto. E mesmo tendo um certo clima “opressivo” – em se tratando de alguns modelos -, considera-se a escola como instrumento de emancipação do indivíduo, dentro da possibilidade de que seus frequentadores tenham a oportunidade de se desenvolverem psiquicamente, com a máxima apropriação de saberes e vivências.

O propósito da escola, dentro de uma perspectiva histórica e cultural, é assumir para si a responsabilidade da realização do processo educativo, com uma organização intencional de estruturar espaço e condições adequados à “máxima apropriação das qualidades humanas pelas novas gerações” (MELLO, 2007, p. 89). Espera-se, então, que na escola que a criança tenha a oportunidade de se apropriar do conhecimento construído pelo ser humano e de se desenvolver psiquicamente.

Dentro da perspectiva de que esta mesma educação é considerada como um verdadeiro processo de transmissão e acumulação da cultura humana, é através dela que os indivíduos se humanizam e tornam-se verdadeiramente humanos em toda a sua plenitude.

Assim,

A relação entre o processo de apropriação da cultura e o desenvolvimento humano objetiva-se por meio da aprendizagem em geral, ou ainda nas relações sistematizadas pelo processo educacional, que tem a função de criar condições para que os estudantes se apropriem dos conhecimentos científicos e teóricos elaborados ao longo da história das ciências (RIGON et al., 2010, p. 65).

É claro que, mesmo tendo estes humanos a possibilidade de se apropriarem do legado histórico e cultural, não precisam inventar ou viver tudo o que os seus antepassados já construíram e viveram. O que a educação lhes possibilita é produzir algo a mais, superar o que já foi produzido historicamente e inovar, transformar,

aprimorara vida da humanidade. Este seria o papel institucional da escola: apoiar todo este projeto de assimilação, de transformação, de adequação e de revolução para o homem.

Neste sentido, a vivência solidária dos seres humanos traz consigo a responsabilidade de sistematizar o conhecimento a ser apropriado pelas próximas gerações. São eles os estudantes, pois “[...] a educação escolar é uma das formas de ‘atividade humana’ e, por excelência, é socialmente responsável pela sistematização deste processo” (SERRÃO, 2006, p. 44).

É preciso, ainda, fazer a ressalva de que não é todo ensino que promove o desenvolvimento, mas sim aquele que antecede o desenvolvimento do estudante e é intencional. Portanto, a atividade de ensino é o sistema de organização e os meios por que se transmite ao indivíduo a experiência socialmente elaborada.

O processo de ensino e aprendizagem determina que a atividade de ensino realizada pelo professor pode colocar o estudante em atividade de aprendizagem. Nesse sentido, ressalta-se a importância de se conhecer as etapas do desenvolvimento humano e, a partir delas, sistematizar o conhecimento com base na atividade de ensino que permita que o estudante esteja em atividade, pois “[...] o processo educativo que gera desenvolvimento psicológico é aquele que coloca o sujeito em atividade” (RIGON et al., 2010, p. 25). A educação significa, portanto, não a formação de ações e conceitos isolados, mas a organização de toda a vida e atividade da criança.

A verdade também é que a atividade principal não é necessariamente a mais recorrente, e sim aquela atividade que promove o desenvolvimento psicológico em determinado período da vida. Assim, a escola, como um lugar privilegiado da infância, deve reconhecer que a criança é um sujeito de direitos e que é na escola que ela deve ter a ampla possibilidade de se apropriar do conhecimento sistematizado, participar e brincar.

É por isso que se defende, por exemplo, a brincadeira em todas as modalidades de ensino na escola. O fato de a atividade principal da criança dos três aos seis anos ser a brincadeira não quer dizer que, a partir dos seis anos, ela deve parar de brincar, mas apenas que a atividade principal da criança se modifica, tornando-se como principal a atividade de estudo. A brincadeira continua promovendo o desenvolvimento da criança como uma atividade e deve estar presente na escola.

O espaço escolar é posto pela sociedade moderna como instituição capaz de,

organizada e sistematicamente, proporcionar à criança que se aproprie do legado histórico e cultural do seu meio. É na escola que a criança passa parte de sua vida, apropria-se de conhecimentos e, nesse movimento, constitui-se como ser humano e vivencia sua condição social de ser criança. Daí a ênfase na defesa de que ela é um verdadeiro universo de apropriação das experiências infantis, conforme a ambientação musical que se faz presente e a socialização entre as crianças, despertadas pela curiosidade, conforme a Fotografia 5.

**Figura 5 – Crianças interagindo no cantinho da música**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

Pensar a educação como processo de humanização que se desenvolve a partir de relações sociais imersas em determinados contextos históricos tem como fundamento a concepção da criança como sujeito da sua própria história e a escola como ambiente de apoio ao cultivo das práticas que são específicas e peculiares ao momento infantil da vida.

Este “mundo social” – escola, possui suas características e vida próprias, seus ritmos, ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de

transgressão, seu regime próprio de produção e gestão de símbolos. É uma verdadeira “cultura da escola”, no sentido de que se torna um ambiente paralelo na vida das pessoas.

A sua rotina, portanto, se caracteriza, ou está muito além daquilo que se entende por um conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normalizados”, “rotinizados”, sob o efeito de imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada de ensino e aprendizagem (FORQUIN, 1993).

Rotina escolar envolve, além do trabalho diário por meio de horários e atividades pré-programadas e organizadas, também facilita o desenvolvimento prático. O objetivo é permitir que a criança se oriente no tempo e espaço, além de promover seu próprio desenvolvimento.

**Figura 6 – Crianças interagindo com a professora**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

A escola é viva, é organismo que se movimenta, ofertando, a cada um dos seus envolvidos, enorme gama de experiências consigo, com os outros sujeitos e com o meio, conforme traduz a Fotografia 6, num momento de interatividade em evento

escolar, ambiente propício para o despertar e desenvolvimento de aptidões artístico-musicais.

#### 2.4 BRINCAR E APRENDER NA ESCOLA

A brincadeira precisa ser compreendida e aceita como algo a ser explorado e cultivado, independentemente da idade e dos espaços disponíveis, pois divertir-se é desfrutar da vida, que é, em si, um atributo humano valiosíssimo. Brincando, a criança aprende com maior relevância nesse período experimentado por ela mesma. Tem-se, inclusive, que concordar com o ditado popular: “Quem não brincou, não viveu”. Sim, a vida se expressa também pelo modo alegre, dinâmico e divertido com que se olha para ela. É assim que se concretiza esta máxima.

As brincadeiras dão à criança a aptidão de se avaliar, viver papéis, passar por experiências sentimentais e colocar em prática métodos importantes para o viver adulto em seu grupo social. Brincar é uma empreitada importantíssima na existência da criança e se mostra como alicerce para a formação dos seus traços individuais. Não permitir que a criança brinque é a mesma coisa que inibir a potencialidade de um ser que evolui, para simplesmente vê-la na fase adulta apresentando neuroses e frustrações (BATLLORI, 2003).

Assim, vale a reflexão: “Por quais motivos se discute o brincar na Educação Infantil, quando, na realidade, não passam apenas de meras brincadeiras”? A questão primordial, no entanto, se encontra no fato de que tal entendimento não leva em conta as brincadeiras e todas as suas implicações. O brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. Ele é uma experiência humana, rica e bastante complexa (ALMEIDA, 2000).

Há situações em que a criança é impedida de brincar, pois é precocemente submetida a situações desestruturadas para a sua idade, quando conduzida a realizar atividades para chegar a um nível maior de responsabilidades, como algo que os adultos assim esperam dela, deixando de lado os brinquedos e as brincadeiras. Por outro lado, ao ter contato com o lúdico, o processo de aprendizado, que deveria ser estimulante, muitas vezes se torna maçante.

Quando a criança recebe o brinquedo pronto não é a mesma coisa que entregar as peças e deixá-la descobrir como montá-lo. Isso se configura como um processo inibidor e comprometedor da sua criatividade, com a redução das possibilidades de

ela mesma desenvolver suas habilidades e inventar seu modo próprio de existir. É por isso que as crianças desmontam e montam objetos: querem descobrir como é que se faz!

Atualmente, na escola, as crianças não brincam tanto quanto o faziam em tempos atrás, seja pelo pouco espaço físico de que dispõem (há casos de residências que são adaptados para escolas de Educação Infantil), seja porque precisam cumprir outros programas planejados pelos professores, não restando espaço para as brincadeiras mais populares, tais como: dar cambalhotas, pular corda, brincar de roda, esconde-esconde, dentre outros. São essas atividades infantis que contribuem para que a criança aprenda regras da vida social e comece a desenvolver o futuro adulto que será: íntegro, solidário, afetuoso, em busca de um mundo melhor, tanto para si como para os outros.

As regras e determinações presentes nessas atividades proporcionam estas experiências. Além das regras aprendidas através dos recursos lúdicos na escola, o público infantil também se interessa pelo faz-de-conta, em que projeta sonhos, ansiedades e exemplos do cotidiano adulto (atitudes de professores, pais, irmãos mais velhos e outras personagens da vida real) transpondo para o mundo da fantasia.

Aqui se observa o contraponto entre o comportamento das crianças, neste mundo tecnológico, que ficam presos a celulares, videogames e outros aparelhos, e perdem o importante espaço de interação das brincadeiras mais antigas, seja realização de dinâmicas de grupo, seja na construção de brinquedos.

É importante dar valor ao faz-de-conta, visto que a imaginação infantil é extensão do real (KISHIMOTO, 2003). O modo de brincar proveniente da imaginação não se mostra igual ao comprado, já pronto, e que basta pilha, energia ou fricção para fazê-lo funcionar. Deixa de existir o prazer da inventiva para brincar com o objeto copiado, que rapidamente será desfeito pelos convites da curiosidade infantil (MACEDO, 2005). A produção, pela criança, leva ao desenvolvimento de sentimento de criação, realização e pertencimento. É a sua criatividade em ação. É algo que lhe dá merecimento e admiração por parte dos outros, pois o torna participante da nova realidade que surge: “o novo brinquedo”. A Fotografia 7, ilustra de forma precisa, a participação das crianças na confecção dos instrumentos musicais – brinquedos e a alegria da professora/pesquisadora, na realização do trabalho proposto.

**Figura 7 – Finalizando a confecção de instrumentos musicais**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

Brongère (2001) entende que a criança aprende ao solucionar problemas e que o brincar contribui para esse processo. Assim, a função dos jogos e brinquedos não se limita ao vasto mundo das emoções e da sensibilidade. Brincar é uma ação do universo da inteligência e coopera, em linhas decisivas, na evolução do pensamento e das demais funções psicomotoras. Isto ocorre, por exemplo, quando as crianças desenvolvem modos diferentes de realizar a mesma atividade, brincar com o mesmo brinquedo a partir de outra forma.

Gomes (2006) fala da relevância da brincadeira e dos brinquedos no contexto infantil. Para ele,

É através de seus brinquedos e brincadeiras que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo com o mundo dos adultos, onde ela restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros (GOMES, 2006, p. 67).

Desse modo, é possível compreender que a Educação Infantil se desdobra em dinamizar a vida das crianças em brincadeiras que conduzem à aprendizagem. E os brinquedos constituem peças importantíssimas na conquista desta aprendizagem,

seja porque exige da agilidade física, seja porque leva ao pensar e tomar atitudes. Deste modo, são notáveis – o brinquedo e o brincar – como elementos de colaboração para melhorias da capacidade de criação de novos olhares sobre os mesmos objetos, por exemplo. É o que se constata dentro da realidade do CEIM “Sementinha”, quando as crianças confeccionam seus instrumentos musicais para a formação da bandinha, permeando diferentes formas, cores e sons, ilustrada na Fotografia 8, além de desenvolver o sentimento de pertencimento, uma vez que participaram da confecção dos instrumentos musicais.

As habilidades dos “miúdos” são exigidas na construção de objetos, a partir de sucata, trazidos por eles mesmos de casa, com pintura, colagem, desenhos e outras práticas. Isto mostra a proposta do ensino da escola em desenvolver condições de adaptação e criatividade infantil.

**Figura 8 – Instrumentos musicais confeccionados pelas crianças**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

De acordo com Kishimoto (2003), as brincadeiras permitem que as crianças desenvolvam capacidades importantes, sejam elas a observação, a repetição, a recordação, a fantasia, além de favorecer a socialização, por meio da interatividade, da utilização e da experimentação de normas e papéis sociais. A brincadeira é um ato educativo que abre as portas para a ampliação da vida social, das emoções, do

conhecimento e dos aspectos físicos da criança. É nesse enlace de prazer e liberdade que a criança assimila um viver interativo, envolvendo-se existencialmente com o meio: pessoas, objetos etc.

A criança deve ser entendida como sujeito que compreende, assimila as regras do jogo e os cumprimentos de seus direitos e deveres. Aprende a trabalhar em equipe: vencer ou fracassar. Para elas o importante é competir. Quando as crianças do CEIM “Sementinha” vivem a música e as brincadeiras elas interagem com o próprio desenvolvimento do processo de autoconhecimento e ensinam aquilo que realizarão quando chegarem à fase adulta. Quando a professora dá a oportunidade para brincarem, muito do seu potencial é trabalhado por si mesmo.

Conforme Silva; Santos (2009, p. 10), Freud destaca, inclusive, que “[...] toda criança que brinca se conduz como um poeta, criando para si um mundo próprio: puro e belo”, pois, além de fantasiar, também vive esta fantasia para além das limitações de espaço e matéria.

As ideias de Rousseau (1995) se configuram como o ponto de mutação para a constituição social acerca da vida infantil, mostrando-se como principal idealizador dos processos pedagógico e educacionais da atualidade. Antes dele a situação da criança era vista como limitada ao mero copiar, ao mero imitar e ao mero atender às determinações dos adultos, sem nenhuma autonomia. Em Rousseau (1995), a infância surgiu como um tempo peculiar, que abrange o espaço de uma vida feliz, a natureza precipuamente humana, sem influências da sociedade marcada por vícios, preservando os aspectos puros e inocentes da vivência.

O ser infantil, a partir desta visão, se mostra como o “vir-a-ser”, aquele que somente é imaginado como alguém que terá oportunidades e não somente como ser concreto e atual.

Segundo Rousseau (1995, p. 77),

A sociedade enfraqueceu o homem não apenas lhe tolhendo o direito que tinha sobre suas próprias forças, mas, sobretudo tornando-as insuficientes. Eis porque seus desejos se multiplicam junto com sua fraqueza, e eis o que faz a fraqueza da infância relativamente à idade madura. Se o homem é um ser forte e a criança é um ser fraco, não é porque o primeiro tem mais força absoluta do que o segundo, mas porque o primeiro pode naturalmente bastar a si mesmo e o outro não. Portanto, o homem deve ter mais vontades e a criança mais fantasias [...].

Desta forma, portanto, a liberdade é limitada para as crianças apenas pela fraqueza. “A felicidade das crianças e dos homens consiste no uso de sua liberdade

[...]. Quem faz o que quer é feliz quando basta a si mesmo: é o caso do homem que vive no estado de natureza” (ROUSSEAU, 1995, p. 77). É por isso que ele acreditava que, sendo a criança pura e inocente, deveria ser educada a partir de seus interesses naturais. Isto se constata, inclusive, dentro do contexto de atividades empreendidas pela pesquisadora, no CEIM “Sementinha”, quando se observa a grande desenvoltura que os alunos mostraram a partir das práticas oportunizadas em sala de aula.

A criança precisa aceitar e viver os próprios desejos e admitir suas limitações. Por meio do otimismo exagerado, acerca do caráter bom do ser humano ao vir ao mundo, é que Rousseau reverbera suas críticas ao processo educativo autoritário, quando o fim da educação para ele é a simples inclusão na sociedade, depois que a criança tem a oportunidade de educar-se de modo personalizado.

Para que essa proposta de Rousseau se concretize, ou ao menos se mostre plausível, a formação acadêmica é algo imprescindível. Isto porque ela se caracteriza como importante fator para atingir os requisitos da nova perspectiva para com a educação infantil. Não se objetiva, aqui, direcionar para o professor de educação infantil o poder e o dever de resolver todos os problemas existentes nesse segmento, ou seja, dar-lhe uma responsabilidade que não é exclusivamente sua, mas promover o entendimento de que a melhoria no processo educacional está vinculada aos tantos aspectos, dentre eles a formação e a atuação dos professores na busca de um trabalho de qualidade.

Na construção social de sua existência, a criança recebe como relevante o divertir-se com as brincadeiras e

Por certo, grande parte da vida das crianças é gasta brincando, quer com jogos que elas aprendem com as crianças mais velhas, quer com aqueles inventados por elas mesmas. Toda criança pequena gosta de brincar de casinha, de médico, de soldado e Dewey atribui o prazer nessas brincadeiras à necessidade que a criança tem de imitar a vida dos pais e adultos. O valor educacional dessas brincadeiras torna-se óbvio, na medida em que elas ensinam às crianças a respeito do mundo em que vivem (AMARAL, 1998, p. 99).

Não são poucos os educadores infantis que se mostram com uma percepção e prática educativa direcionada para as crianças que não lhes deixa espaço para o livre pensar acerca dos pontos que são apoiados em uma educação a partir da visão sociológica, antropológica e política. Isto é, devido à influência das emoções, deixam de lado o pensar na criança e na fase da infância como etapas de construção de um

ser que já nasce histórico, social e político. Basta dizer que a criança é capaz de interagir com o meio e não se mostrar apenas como objeto de manuseio dos adultos.

A carência do brincar surge muito cedo na vida das crianças – aos três meses. E a primeira brincadeira é como a primeira inteligência de natureza sensório-motora (FRIEDMANN, 1996). Os dedinhos da criança são os primeiros brinquedos e a observação deles de seus movimentos configura os jogos e a diversão mais remota do ser humano. O corpo, primeiramente, as mãos e os pés, e depois todo ele, se mostra para o universo infantil, um tempo muito breve, o único brinquedo e a única brincadeira. Fascinada, ela busca, descobre e amplia os próprios movimentos e alegra-se em diversificá-los ainda mais.

E para cada fase do crescimento existe uma brincadeira para desenvolver a capacidade física e comunicativa infantil. Ao brincar, a criança começa a conhecer o seu ambiente, criando fantasias e aos poucos alargando o seu campo de exploração do mundo. O bebê aprende por meio dos sentidos, e brincar com ele é a melhor forma de ajudá-lo a aprender o mundo, as pessoas, as coisas e tudo mais que o cerca. As brincadeiras dos bebês são simples e belos estímulos ao desenvolvimento físico. Ao brincar, incorporam-se ao cérebro, por meio dos sentidos (ouvir, pegar, ver, sugar) – impressões verdadeiras, as quais vão aflorar no desenvolvimento cognitivo.

O estímulo visual pode ser devolvido com objetos em movimento, com cores vivas e formas diferentes. Desde o nascimento até os três meses, o bebê segue com os olhos o brinquedo que chama sua atenção. Depois dos três meses já consegue ver nitidamente e aprecia as coisas a sua volta. O estímulo auditivo começa cedo como uma das primeiras formas de conhecimento do mundo externo (FRIEDMANN, 1996).

Aos quatro meses, a criança já é plenamente capaz de segurar um chocalho. Ela percebe e aprende os ruídos. Brinquedos com sons e ruídos diferentes são bem-vindos. O tato representa o primeiro sentido para a exploração do mundo a sua volta. Superfícies e brinquedos com características diferenciadas estimulam a sensibilidade tátil.

No decorrer do primeiro ano de vida, os bebês precisam de brinquedos que estimulem seus sentidos e exercitem sua coordenação motora. Eles conhecem e aprendem o mundo que os rodeia por meio dos sentidos. A partir dos seis meses, já começam a aperfeiçoar sua capacidade motora. Já coordenam mão-olho o que lhes permite pegar e largar objetos com maior facilidade. A atenção aos sons se aguça e eles começam a emitir os primeiros balbuciados.

Na sequência dos primeiros anos de vida, as brincadeiras funcionam como forma de autoconhecimento. Os brinquedos são poucos e, na maior parte, produzidos pela própria criança, não em termos materiais, mas originários do seu próprio corpo. Na primeira infância, os pensamentos fantasiosos aparecem de modo mais puro, determinados por motivos emocionais.

Entre a idade dos dois aos quatro anos, os objetos que servem para brincar são aqueles que conduzem à construção, à destruição e à recriação: material com argila, quebra-cabeça, massa de modelar. Nesta fase, os brinquedos devem permitir o maior movimento possível com braços, com as mãos, a encenação, o modo de identificar afetivamente e a expressão do talento. O professor precisa oferecer sempre à criança brinquedos com diferentes formas, materiais e cores para favorecer o desenvolvimento e uma pluralidade de estímulos sensoriais e cognitivos.

De fato, as escolas de Educação Infantil têm de lidar com afirmações típicas, que vão desde “é preciso que se trabalhe atividades calmas, pois essas crianças são muito agitadas e não param nunca!”, até “não é possível que estas crianças só aprendem se estiverem pulando!?”. Acerca disto, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL 1998) indica que as atividades de caráter lúdico, ao permitirem certa mobilidade à criança, serão eficazes também, do ponto de vista da ordem, sem, contudo, limitarem as possibilidades de expressão da criança ou tolherem suas iniciativas próprias. Portanto, limitar as ações e reações das crianças, é reprimi-las. Isto não é correto.

Partindo da análise etimológica da palavra “brincar”, é possível, então, defini-la como (FERREIRA, 2001): “laço”, do latim “*vinculu/vinculum*, através de formas “*vinclu*”, “*vincru*”, “*vincro*”. Por meio desse conceito, entende-se que a brincadeira é um exercício de ligação e vínculo pessoal e social (entre si e com o outro). Portanto, brincar é um ato de descoberta, de escolha e de criação da criança, sendo possível unir movimento com conhecimento, onde a recreação pode ser grande colaboradora no desenvolvimento, pois enquanto ser ativo, a criança possui a necessidade de movimentar-se, de comunicar-se, por meio de linguagem e expressão em todos os momentos de sua vida, e principalmente no seu convívio com outras crianças. Isso ocorre com mais facilidade nos jogos e nas atividades populares, levando em consideração que, na mente da criança, a brincadeira acontece em todos os momentos e espaços da infância, baseados nos fatores que as rodeiam.

Brincadeiras como “Qual é a música?”, no Projeto de Musicalização e “a descoberta do meu corpo” são oportunidades para todo este processo. A Fotografia 9 mostra a pesquisadora trabalhando conteúdos curriculares por meio da musicalização. Observa-se a atenção das crianças na exposição, movimentação e articulação dos instrumentos musicais, explorados pela pesquisadora ao trabalhar o corpo humano na disciplina Ciências Naturais.

**Figura 9 – Cantando e dançando para descobrir o meu corpo**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

O período da infância é para se vivenciar as brincadeiras. Por meio delas, as crianças satisfazem grande parte de seus desejos e interesses particulares. Ao brincar, elas indicam risos, exaltação, que são componentes desse prazer. Durante a vivência de sua infância a criança compreende a brincadeira e a aprendizagem como sendo a mesma coisa, pois não discerne o que é uma ou outra. Ela somente quer brincar e, caso haja necessidade de aprender para divertir-se, ela o fará de modo natural.

A abrangência da Educação Infantil é vasta – envolve todas as atividades

ligadas à proteção e ao apoio necessário ao cotidiano de qualquer criança, como também aquisição de vários tipos de habilidades, entre as quais estão aquelas necessárias ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Desse modo, Kishimoto confirma que,

As crianças se tornam capazes de conquistar o seu lugar na sociedade também através das brincadeiras, mesmo que para isto tenham que viver em seu “mundo de faz de conta”. Por isso é importante que estejam sempre desenvolvendo sua aprendizagem através dos jogos, brinquedos e brincadeiras, não os utilizando como simples formas de ocupar tempo, mas ao aproveitamento de recursos que podem influenciar significativamente no desenvolvimento infantil. O uso do brinquedo/ jogo educativo com fins pedagógicos remete – nos para relevância desse instrumento para situações de ensino – aprendizagem e de desenvolvimento infantil (KISHIMOTO, 2003, p. 36).

Entende-se, portanto, que os diferentes usos que as crianças fazem dos brinquedos e das brincadeiras, bem como a forma de organizá-los, estão relacionados com seus contextos de vida e expressam visões de mundo particulares, isto é, cada um vê de modo específico. Então, no ato de brincar, a criança propõe-se a fazer algo e procura realizar sua proposição – isto porque há uma tarefa a cumprir. Portanto, o significado da atividade lúdica pode ser compreendido melhor considerando vários aspectos como: preparação para a vida adulta; liberdade de ação; prazer obtido; possibilidade de repetição das experiências; realização simbólica dos desejos.

Os adultos envolvidos com a Educação Infantil são, outrossim, convocados à reflexão acerca das próprias ações, tendo como base a importância e a necessidade do ato de brincar. Para compreender o que está em jogo, quando a criança brinca, é preciso analisar o suporte material ou imaterial que desencadeia tal ato, o ambiente, os momentos a ele destinados e as pessoas que dele participam. Assim como o estudar, o brincar é muito importante, pois ajuda, inclusive, a lidar com os momentos difíceis. Quando brincam, as crianças conseguem distrair-se por um tempo ou concentrar-se em ações que podem, em muito, ajudar a sanar futuras dificuldades de aprendizagem.

O brincar, de um modo mais amplo, é considerado como algo importante pelos professores da Educação Infantil, pois estes sabem que tal prática exerce influência no contexto social no qual os diferentes grupos de crianças brincam, contribuem para a educação; para o desenvolvimento e/ou aprendizagem e nas relações interpessoais. O papel do professor, dentro desse processo, é de fundamental importância, e a escola pode, e deve, reunir todos esses fatores, pois brincar é também uma

necessidade básica da criança, é essencial para um bom desenvolvimento motor, emocional, cognitivo e social.

Quando a criança aprende brincando (cantando, dançando, fazendo gestos etc.), a busca pelo saber torna-se prazerosa; utilizando o jogo, cria, desenvolve e respeita as regras do jogo. Através do brincar e jogar formam-se indivíduos motivados para muitos outros interesses, capazes de aprender rapidamente e com boa autonomia.

É verdade que nem todos os profissionais estão preparados para aceitar tal realidade. Apesar de não apresentarem oposição, pois são cômicos de que aprender brincando é relevante. Assim, os colegas educadores do CEIM “Sementinha” têm a ideia de que as suas crianças aprendem desde já. Os escritos e convivência com os colegas, quando da pesquisa de campo, foi possível observar alguns pontos relevantes:

- A compreensão dos mesmos acerca da responsabilidade pedagógica no que tange à exploração das músicas e brincadeiras como instrumentos para a aprendizagem;
- Os professores utilizam, mesmo que não com frequência, brinquedos, brincadeiras, música e instrumentos para que as crianças brinquem e aprendam, ao mesmo tempo;
- Há o estabelecimento de objetivos ou relações entre os conteúdos a serem trabalhados durante esse período de desenvolvimento da atividade lúdica.

Quando as circunstâncias lúdicas são criadas de modo intencional, por atitude dos adultos e com o propósito de incentivar determinados modos de aprendizagem, brota a dimensão educativa. É quando a criança aprende que há regras para participar de determinadas brincadeiras: momento de falar e de ouvir, esperar sua vez, deixar o coleguinha fazer o mesmo etc. Existem alguns educadores, que preocupados em alfabetizar as crianças, e por não entenderem as brincadeiras como parte desse processo, não proporcionam aos alunos essa aprendizagem através do ato de brincar. Isso certamente limita e inibe a criança, comprometendo o seu desenvolvimento, tanto no que se refere à aprendizagem como na recreação necessária, que as brincadeiras, por conseguinte, proporcionam.

Quando a professora oferece atividades pouco atrativas ou muito abstratas, a exemplo de um desenho pronto para colorir, sem espaço de criatividade para desenhar este objeto, ou cálculo matemático a partir de números em papel e não com

quantidades de objetos, acontece a inibição do aluno. A professora deve ter em mente que, nas brincadeiras, as crianças criam e estabilizam aquilo que elas mesmas conhecem sobre o mundo. Porém, essas situações não podem ser confundidas com aquelas que o brincar ou o jogo está ligado intencionalmente a atividades de aprendizagem de conceitos, pois aí o professor direciona as ações no sentido de ensinar os conteúdos exigidos pela escola. A criança deve ter liberdade para brincar livremente e com a observação do professor, ser encaminhada a conceituações teóricas (ROSSEAU, 1995).

Compreende-se, então, que o professor pode e deve utilizar a brincadeira para introduzir, fixar ou verificar os resultados sobre um determinado conteúdo. A brincadeira “dentro e fora”, pode servir de introdução para ensinar noções de espaço, ordem, motricidade. Desse modo, acredita-se que o brincar ocupará o melhor lugar na educação infantil, pois não será tão dispersa, de forma que não dependa da atenção do professor, e ao mesmo tempo não será também tão dirigida ao ponto de perder as características de uma brincadeira.

Este é, verdadeiramente, um universo vasto, interessante e muito necessário à criança. É por meio das brincadeiras e dos brinquedos que se oportuniza às crianças o desenvolvimento de um caminho de diálogo, abrindo espaço para o seu progresso no diálogo com o mundo dos adultos, onde ela restabelece o seu controle interior, a sua autoestima, bem como desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros. O sentimento de autoconfiança é incentivado quando os alunos se deparam com a proposta de criação, invenção e materialização de ideias na confecção de variados instrumentos musicais e organizados na sala de aula, ao alcance das crianças. A arrumação é leve e se destaca pelo uso das cores, conforme a Fotografia 10.

**Figura 10 – Instrumentos musicais organizados na sala de aula**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

A pesquisa acerca da musicalização na Educação Infantil, e mais precisamente a música no contexto da adaptação da criança a este universo, dentro do espaço do CEIM “Sementinha”, mostra que a ludicidade proporcionada pela exploração dos sons, nos seus mais variados modos presentes no cotidiano, está para a criança como algo importantíssimo na estruturação da escola nesta idade, a fim de que ela seja bem sucedida no lidar com o desenvolvimento das crianças.

E acerca da caracterização com profissional da Educação Infantil, tem-se a análise de Almeida (2012) apresentando, como resultado de sua pesquisa sobre a problemática do saber docente, a pluralidade, a homogeneidade e as características dos diversos tipos de saberes, dando valor primordial e necessário às práticas e ao desempenho profissional nesse nível de ensino. Através de intensos e sequenciais

estudos, ele buscou identificar as principais qualidades, saberes e juízo crítico, imprescindíveis para que seja aceita como professora de Educação Infantil.

Desta forma, estabelece que,

Foram organizados em duas categorias: saberes pessoais e saberes profissionais. Em seu estudo Fischer evidenciou que as professoras participantes da pesquisa consideram os saberes pessoais, ou seja, os sentimentos que traduzem emoções, como imprescindíveis para o seu trabalho. Assim, utilizaram palavras como paciência, carinho, criatividade, dedicação, gostar do que faz, gostar de crianças, compreensão, dinamismo, organização, respeitar as crianças, alegria, ser amigo(a) como saberes necessários para ser uma boa professora de bebê. Em relação aos saberes profissionais, as professoras entrevistadas apontaram Desenvolvimento infantil como um saber necessário à sua prática. Questões como rotina, organização de espaço e de tempo na Educação Infantil, planejamento e registro entre outros não foram contempladas pelas professoras (ALMEIDA, 2012, p. 3).

Em outra pesquisa de campo, Almeida (2012) buscou compreender como se caracteriza a interação com o conhecimento do professor da Educação Infantil no contexto de trabalho da escola pública com as crianças de faixa etária de três a cinco anos. A partir deste estudo e relevância, Almeida (2012, p. 4) afirma que:

Os resultados obtidos pelo autor indicam que as professoras pesquisadas privilegiam saberes que: a) dizem respeito a sua conduta no desenvolvimento da ação docente, ou seja, privilegiam saberes construídos nas relações de natureza ético-moral com a criança; b) saberes que se associam mais diretamente à dimensão social das relações do professor com a atividade de cuidar e educar; c) saberes que possibilitam diferentes expressões e linguagens; d) saberes que atendem aos cuidados mais básicos em relação à criança. Os saberes que tiveram menor número de referências por parte das professoras foram os saberes de dimensão epistêmica, revelando uma fragilidade em relação a esses saberes e ainda, o saber cuidar observado como uma apropriação pouco reflexiva.

Deste modo, torna-se aqui, e com certa relevância, afirmar, diante de evidências, que, para Almeida (2012), corroborada pelos pesquisadores Fischer (2007) e Dieb (2007), existe,

[...] a premente necessidade de maiores investimentos na formação de professores de Educação Infantil, embasada na promoção de uma reflexão coletiva sobre a prática pedagógica, articulando os saberes engendrados no cotidiano, com produção teórica sobre áreas que tratem da especificidade do trabalho do professor de Educação Infantil. Nesse sentido, a importância de investir em pesquisas que busquem compreender como os professores estabelecem uma relação com o saber, com as iniciativas de formação das quais participam, bem como com a função que exercem.

Portanto, primar por uma fundamentação teórica e prática, que direcione o educar e o uso do lúdico, será algo a ser buscado sempre e com persistência. A partir disto, pode-se observar que determinados documentos norteadores da educação

brasileira indicam o caminho defendido até aqui quando fazem alusão ao fato de que “[...] o professor se constitui no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas” (BRASIL, 1998, p. 30).

Se o educador enfatizar as metodologias que alicerçam as atividades lúdicas, como: música, dança, brincadeiras, o aluno terá mais oportunidade para se encantar e se desenvolver, tendo em vista que,

O jogo, visto como recreação, desde os tempos passados, aparece como relaxamento necessário às atividades que exigem esforço físico, intelectual e escolar, tendo como representantes Sócrates, Aristóteles, Sêneca e Tomás de Aquino (KISHIMOTO, 2003, p. 62).

Kishimoto (2003, p. 68), dando muito valor ao brincar, destaca que,

Brincar é a fase mais importante da infância – do desenvolvimento humano neste período – por ser a autoativa representação do interno a representação de necessidades e impulsos internos [...].

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo — da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. [...] A criança que brinca muito com determinação autoativa, perseverantemente até que a fadiga física proíba, certamente será um homem determinado, capaz do auto sacrifício para a promoção do bem-estar próprio e dos outros. [...] Como sempre indicamos, a brincadeira neste período não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância.

Deste modo, é relevante dar oportunidades para cantar, brincar e divertir, as quais visem o aprendizado, dirigidas de modo integrado, e que contribuam para o aprimoramento das habilidades infantis de interação social, de se fazer presente com o outro em uma postura de aceitação de si e do outro, de respeito e confiança, e o ingresso das crianças no universo dos saberes mais abertos da sociedade, da cultura, e do significado de educar.

Para Vygotsky (1998), quem educa precisará sempre utilizar os jogos, as histórias, as brincadeiras, e demais instrumentos, a fim de que as crianças sejam provocadas à reflexão e à resolução de problemas, para que imitem e recriem regras utilizadas pelo adulto. Assim, procurou-se fazer as relações de significado e de percepção visual envolvendo os alunos, sabendo que a postura da pesquisadora – como adulta – contribuiria muito para que acontecesse o desenvolvimento de uma visão diferente nas crianças de olhar o mundo.

Para tanto, como exemplo, a confecção de instrumentos musicais e formação da bandinha da sala, já apresentados anteriormente, quando as crianças tiveram que desenhar formas geométricas, riscar, pintar os instrumentos e tirar os sons dos mesmos. Porém, a Fotografia 11 mostra a integração das crianças com instrumentos musicais industrializados, quando tem oportunidade de visualizar e sentir as diferenças de sons, cores, texturas, formatos e materiais utilizados.

**Figura 11 – Os instrumentos industrializados**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

Também é necessário conhecer e manusear brinquedos com sons diferentes daqueles emitidos pelos de produção própria e/ou caseira.

## 2.5 SONS, MUSICALIZAÇÃO E SIGNIFICADOS

Vivenciar uma nova realidade se mostra sempre um desafio para qualquer ser humano, em quaisquer que sejam as circunstâncias. O diferente sempre causa impacto. É preciso, então, que se crie mecanismos para facilitar este processo. No caso das crianças, a música se mostra um instrumento interessante.

Para Brito (2003), a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos. Deste modo, tem que ser compreendida em sua linguagem e comunicação, posto que se mostra intencional no tempo e no espaço. O universo escolar é ambiente propício para a sua exploração, compartilhamento e desenvolvimento. Na escola a música se mostra um instrumento capaz de proporcionar prazer e entretenimento, bem

como de aprendizado e crescimento para as pessoas, especialmente para as crianças.

As crianças gostam dos sons e a música faz parte do seu universo. Assim, se faz necessário compreender a importância dos sons e da musicalização para elas. A música e a musicalização estão presentes desde muito cedo na vida da criança e no seu desenvolvimento. Tudo já começa no ventre materno, pois ela já reage ao escutar os sons e barulhos. E as coisas vão acontecendo ao longo do processo de crescimento em família, com canções de ninar nos momentos de dormir, nas músicas de rádio e TV, cantigas de roda em família, na vizinhança, na igreja e em outros espaços. E assim se processa até a chegada dela na escola onde são descobertas novas variedades, para mesclarem-se ao bojo de conhecimentos já adquiridos.

A Educação Infantil brasileira vem atendendo a propósitos diversos no dia a dia para formação de hábitos e atitudes educativas e psicossociais da criança. A música, neste contexto, se apresenta como base para que os pequeninos se apropriem de hábitos e valores pertinentes ao seu tempo e espaço de vida e convivência. Possui uma linguagem capaz de expressar sentimentos e ações em diversos momentos, especialmente os festivos. Portanto, a linguagem musical é uma das formas importantes de expressão humana, presentes no contato da educação em geral, mas principalmente na Educação Infantil, quando as crianças ficam encantadas com a os sons e melodias. E isto contribui para uma aprendizagem mais prazerosa, pois envolve a ludicidade e a descontração.

Queiroz (2011, p. 23), destaca que,

A música é uma importante forma de expressão humana, repleta de alegrias, tristezas, sonhos, decepções e utopias, que permitem às crianças mergulharem no mundo dos sonhos, da fantasia e da realidade. As crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e começam a aprender suas tradições musicais.

Essa linguagem no espaço infantil atende a vários momentos que viram rotina, como no horário de lavar as mãos antes do lanche, ir para o lanche, na hora do recreio, ouvir e aprender uma música, brincar de roda com canções que costumam ser acompanhadas por gestos corporais. Estes são alguns modos de despertar, estimular e desenvolver o gosto pela atividade musical. A experiência com a música, inclusive, é bastante explorada no CEIM pesquisado.

Outro aspecto importante é que o trabalho com música é excelente meio para o desenvolvimento da autoestima, integração social e expressão da criança com os

coleguinhas e o meio que o cercam. Fraidenraich (2012, p. 27) destaca que “[...] é dessa forma que a criança começa a compreender algumas regras de convívio e os papéis sociais”. São nos primeiros contatos que a criança tem com a música, importantíssimos para sua aprendizagem em todos os sentidos, pois aumenta sua sensibilidade e, em meio ao prazer e alegria, descobre o mundo a sua volta.

A utilização da música como meio auxiliar na Educação Infantil, com o recurso das brincadeiras, cria um ambiente atraente, servindo como estímulo para o desenvolvimento integral da criança. A atividade lúdica é indispensável à prática educativa, pois a noção do conhecimento da criança surge com o lúdico, o qual pode ser proporcionado com a música. Assim, as brincadeiras musicais auxiliam no desenvolvimento das crianças em diferentes vivências e saberes, dependendo da intencionalidade educativa, de ensino e aprendizagem e das variações presentes no planejamento do professor.

Com o lúdico, a criança se socializa, interagindo no manuseio com os instrumentos e outros brinquedos e objetos, bem como com os seus pares e seus professores. É assim que a criança estabelece os laços de amizade e sedimenta posturas de confiança e respeito ao outro; é uma verdadeira preparação para a vida adulta em sociedade, pois,

De fato, a brincadeira proporciona diversos benefícios nessa faixa etária, estimulando capacidades como atenção, a memória e a imaginação. Permite, também, amadurecer no relacionamento social por meio do contato com os colegas e adultos que não são do círculo familiar (FRAIDENRAICH, 2012, p. 27).

Ao levar-se em conta a utilização do lúdico como importante instrumento de desenvolvimento integral da criança, permite-se que a aprendizagem se mostre mais interessante e significativa, pois as brincadeiras já fazem parte do mundo de todas as crianças. Deste modo, cada atividade favorece o processo de aprendizagem, à medida que oferece a ela os jogos, dança, a bandinha rítmica, brincadeiras de rodas e outros, nestas estão a oportunidade de expressar suas emoções e construir significados para cada nova vivência adquirida. Aprendem através do contato, tocando os objetos, vendo, sentindo, ou seja, experimentando sensações e movimentos que são proporcionados pela música e que estimulam os seus impulsos.

Outro aspecto relevante é que o brincar favorece a autoestima dos alunos, pois a brincadeira faz com que a criança adquira mais confiança e isso faz a diferença na aprendizagem, pois quando a criança está brincando, ela fica com o pensamento

distante da vida cotidiana, entrando no mundo imaginário e ilusório; ela não se preocupa com a aquisição de conhecimento ou desenvolvimento de quaisquer habilidades físicas ou mentais. Fica, porém, com o pensamento em outro lugar: no mundo da imaginação, de onde surge a criatividade (QUEIROZ, 2012).

A partir desta constatação, é relevante para os professores, que organizem os espaços de Educação Infantil como um ambiente aconchegante, a fim de que possa ali realizar atividades lúdicas: cantigas de roda, brincadeiras e jogos que se movimentam bastante, confecção de instrumentos e outros. O universo de aprendizagem não se limita à sala de aula, mas outros ambientes: arredores, pátio, auditório, biblioteca, quadra etc. e estes podem muito bem ser usados, dependendo apenas de uma boa organização, pois eles facilitam a prática educativa, tanto para o aluno quanto para o professor.

Basta que sejam espaços agradáveis e confortáveis a todos, pois devem ser explorados com “intencionalidade [...] para tornar enriquecedoras as experiências e vivências dos pequenos” (FRAIDENRAICH, 2012, p. 27). A Fotografia 12 mostra a utilização dos espaços alternativos no CEIM Sementinha, destacando a criatividade da pesquisadora, a alegria e participação das crianças.

**Figura 12 – Invenção de sopa de bebê com o uso das colheres**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

A construção de instrumentos musicais pelas próprias crianças também tem um lugar especial nesta vivência com os ritmos e melodias na escola. Tais atividades de confecção de instrumentos musicais têm como proposta para as crianças a exploração e o desenvolvimento do interesse pela criação, imitação e reprodução de objetos e sons. Isto desenvolve a imaginação infantil e sua capacidade de transformação dos objetos ao seu redor.

Acerca de tal dinâmica é relevante ratificar que,

O papel da música nas escolas não é o de formar instrumentistas, mas o de proporcionar o contato com a música através de experiências variadas e criativas. [...]. A criança deve estar constantemente sendo convidada a criar e improvisar por meio da voz, do corpo e dos instrumentos, de modo a expressar-se musicalmente e comunicar-se através da música (MATEIRO; ILARI, 2011 p. 251 e 308).

Os professores, portanto, precisam ter a percepção e sensibilidade para, oportunamente, envolver as crianças na vivência com a música e seus ritmos, demonstrando apreciação, cantando, solfejando, apreciando, realizando movimentos rítmicos a partir dos sons. É mesmo para deixar a criança livre para manusear e experimentar os materiais, pois ela “[...] participa da criação e da manutenção do instrumento, o que pode ser muito útil quando ela própria tiver de cuidar de um instrumento de verdade” (MATEIRO; ILARI, 2011, p. 208).

A confecção de instrumentos, tais como: tambor, pandeiro, chocalho, entre outros, acontece a partir de material reciclado (sucata), trazidos para a escola pelas próprias crianças, tendo em vista que estes instrumentos podem ser de grande riqueza no desenvolvimento infantil. E o primeiro contato com os instrumentos musicais, inclusive confeccionados desta forma pelas mãos dos pequenos, causam neles grande curiosidade e contentamento.

A partir da presença dos instrumentos, também é possível explorar a composição de músicas com os alunos, aproveitando as ideias, as falas, os improvisos, com alegria e emoção, pois “[...] o prazer e a alegria de fazer a música devem ser ressaltados, contribuindo, assim, para o desenvolvimento emocional da criança” (MATEIRO; ILARI, 2011, p. 309).

Toda essa dinâmica faz com que a criança se sinta envolvida, integrante, participante, criativa, mais facilmente expressiva, comunicando-se com o ambiente à sua volta.

A criação musical deve ser o ponto central do processo de ensino-

aprendizagem ou de prática musical. Mais do que o aprendizado ou a execução perfeita de exercícios e músicas, o importante é propiciar, por meio da musicalização, modificações internas que levem ao crescimento do indivíduo (ZAGONEL, 2012, p. 17).

Assim, ao participar do processo de criação de instrumentos musicais e letras de músicas, as crianças podem preparar-se para a realização de outras tarefas, com a plena contribuição para se tornar um ser humano melhor preparado, rompendo medos, temores e dúvidas que sujam em sua caminhada para a vida adulta.

Ainda é possível compreender que as ações direcionadas, diferenciadas e acompanhadas, proporcionam condições ímpares de aprendizagem. E as possibilidades de exploração fazem com que se ampliem os conhecimentos e experiências das crianças, proporcionando o exercício da autonomia, iniciativa e liberdade de escolha. Tudo que venha servir de positivo para que estes pequenos se tornem cidadãos dinâmicos.

É interessante observar que a natureza e tudo que está em sua volta tem significado. A variedade de sons presentes no mundo e as suas especificidades (altura, tempo, intensidade, timbre e densidade), bem como as variações que o som proporciona (graves ou agudos, curtos ou longos, fortes ou fracos), comprovam o fato de que há sentido para cada som.

Segundo Feliciano (2012, p. 15-16),

Tem-se exemplos de sons naturais, ambientes, como o som dos animais, de um grilo ou de uma cigarra na comparação com o rugido de um leão, a tonalidade da voz de um homem e de uma mulher. Vários sons às vezes passam despercebidos, como o som do vento, e outros que com o som tão grave, assusta-nos, como o do trovão, são variações e diferenças que dividimos por sequência, atribuindo sentido para cada uma, formando a base musical.

Também Brito (2003, p. 9) diz que “[...] o Universo vibra em diferentes frequências, amplitudes, durações, timbres e densidades, que o ser humano percebe e identifica, conferindo-lhes sentidos e significados”.

Além dos sons da natureza, existe um significativo repertório de sons aprendidos através dos meios de comunicação e das mídias, que estão incorporados nas ações e nos brinquedos infantis. Muito cedo se começa a assimilar e a decodificar até sons que demonstram sentimentos (expressões de raiva, alívio, dor, alegria, medo, etc.).

As crianças, em sua grande maioria, são atentas e estão no processo de desenvolvimento, buscando o novo, captando ao seu redor, construindo

conhecimentos, juntando descobertas por associações, desde o primeiro contato com o mundo. A comunicação inicial dos pais com os bebês são um bom testemunho: a voz da mãe, as canções de ninar, acalantos e chocalhos.

À proporção que vão crescendo, as crianças tendem a se apropriar do manuseio de pequenos instrumentos musicais, explorando os sons, o movimento e outros brinquedos modernos, como jogos e outros. É neste processo de uso dos seus sentidos que elas relacionam os sons com os objetos, inclusive com o uso da imitação para a diferenciação dos itens que brinca.

É neste sentido que Collonette e Camargo (2017, p. 87) destacam:

As práticas pedagógicas relacionadas à música podem possibilitar às crianças o brincar com as palavras, mesmo antes de serem alfabetizadas, pois conseguem mudá-las e trocar as letras musicais transformando em outras canções, conseguindo assim lembrar de outras palavras e formar novas. As crianças em contato com canções que sugerem movimentos corporais possibilitam o desenvolvimento da coordenação motora, além de que, um acervo variado pode ir do clássico ao baião, pois vivemos em um país rico em ritmos e gêneros musicais. Oferecer a diversidade musical às crianças é proporcionar que ampliem seus gostos e não fiquem somente com o que a mídia oferece.

As crianças também aprendem a utilizar os recursos expressivos de sua cultura. Falam alto quando querem chamar atenção, falam baixo para contar um segredo e usam adequadamente o tom de voz para mostrar seriedade ou brincadeira. Deste modo, podemos afirmar que a música traz consigo as inúmeras sensações constantes na vida humana – boas e ruins: tranquilidade, reflexão, paz, tristeza, saudade, solidão, raiva. A música se caracteriza, então, por ser “[...] a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos” (BRASIL, 1998, p. 45).

Na vida, a música pode, para muitas pessoas, ser algo que define os seus procedimentos. Como destaca positivamente Brito (2003, p. 28), quando afirma que “Como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em sua diversidade e riqueza, permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro próximo ou distante”.

A influência musical na criança é algo que tem que ser repensado e planejado. O trabalho com a apreciação musical deverá apresentar obras que despertem o desejo de ouvir e interagir, pois para essas crianças ouvir é, também, movimentar-se, já que as crianças percebem e expressam-se globalmente. (BRASIL, 1998, p. 64).

Existem diversos estilos e gêneros musicais e a importância da diversidade

cultural é ter o devido respeito com o outro, aprendendo a apreciar todo o repertório vasto de estilos e gêneros musicais, explorando o que tem de melhor e mais importante em cada um. Assim, o indivíduo torna-se livre e não preso a uma teoria, sem respeitar o próximo, tendo uma melhor vivência, interagindo e se realizando enquanto pessoa.

A defesa do conceito de que a exploração da música na Educação Infantil traz o ensino de que é muito importante, tendo em vista que as músicas não estão somente ligadas ao aprendizado técnico do uso de instrumentos, ou ainda para decoração de letras de canções, com as melodias afinadas e bem apresentadas. Da musicalização é, via de regra, um maravilhoso suporte para o trabalho docente, dentro do contexto das experiências dos alunos, com o pronto objetivo de integrar as diversas áreas do conhecimento que necessitam ser desenvolvidas no decorrer do período.

Deste modo, no momento em que a música se introduz no ambiente da Educação Infantil, ela disponibiliza situações nas quais a criança vivencia concretamente a interatividade, colaborando com os aspectos afetivos, estéticos, sensíveis e cognitivos. Não é a formação técnica de músicos, mas a compreensão de que “[...] a música deve ser transmitida com alegria, vibração, através de uma metodologia lúdica e dinâmica, própria do mundo da criança” (BUENO, 2011, p.178).

E pelo fato de considerar a música essencial para crianças na Educação Infantil, o educador que se utiliza da musicalização se desdobra em atrair a tenção das crianças, permitindo que se desenvolvam a partir de situações alegres e prazerosas.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Conforme apresentado no início desta dissertação, em seu capítulo inicial, o tipo de pesquisa escolhido para ser realizada em campo foi a pesquisa-ação, entendendo que é possível investigar determinado problema, analisa-lo, para, em seguida, agir sobre ele.

[...] é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (TRIPP, 2005, p. 446).

Assim, a escolha pelo local e pelos sujeitos da pesquisa, visou a proximidade da pesquisadora a eles.

#### 3.2 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Diante do tipo de pesquisa escolhido, optou-se por alguns instrumentos e estratégias para a coleta de dados.

Inicialmente, procedeu-se a escolha do local, e a proximidade com o CEIM “Sementinha” foi o critério utilizado.

Em seguida, percebeu-se que se poderia iniciar a pesquisa através da observação, já que seriam crianças da Creche Nível II e por serem pequenas, poderiam estranhar algo que parecesse diferente de sua rotina.

A observação acompanhou as atividades desenvolvidas pela professora, até mesmo nos planejamentos feitos por ela. Para Silva (2013, p. 413): “A observação constitui o principal modo de contatar o real, a forma de se situar, se orientar e perceber o outro, se auto-reconhecer e de como emitir conhecimento sobre tudo o que compõe o mundo material e o das ideias”. Assim, as observações realizadas foram utilizadas para contextualizar o que estava sendo descrito e não como forma de opinar ou criticar as ações executadas na escola.

Prosseguindo, houve a aplicação da Oficina de confecção de instrumentos musicais, onde as crianças puderam participar e aprender de forma significativa.

Depois, foram realizadas entrevistas com perguntas abertas e fechadas com os educadores (Apêndice A), com os pais dos alunos da Creche Nível II (Apêndice B), com a pedagoga e com a diretora do CEIM “Sementinha”. Segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Para a análise e discussões apresentadas, primou-se pela idoneidade dos participantes, utilizando nomes fictícios, de maneira a não divulgá-los na apresentação escrita e oral da pesquisa.

### 3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA

Com relação Centro de Educação Infantil Municipal “Sementinha” funciona como Creche e Pré-Escola, atendendo à faixa etária de dois a cinco anos, e está situada na Rua Principal, s/nº, Bairro Cohab, no município de São Mateus, Estado do Espírito Santo. Tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal, sendo orientada pela Secretaria de Educação.

Atende atualmente a 100 alunos, em período parcial, nos turnos matutino e vespertino, sendo a sua clientela do próprio bairro e outros adjacentes, com uma excelente procura e boa aceitação por parte da comunidade de toda a comunidade que assiste.

Com um quadro de funcionários em número total de 16, a Creche tem estes profissionais distribuídos da seguinte forma: nove professores, uma diretora, uma pedagoga, quatro auxiliares de serviços gerais e uma cuidadora.

A formação dos seus profissionais é em nível de graduação e pós-graduação, sendo que há professores formados em Filosofia, Arte, Educação Física e Pedagogia. Para atuar na direção, bem como no setor pedagógico da escola, as responsáveis são especialistas em gestão escolar.

Sua estrutura física dispõe de quatro salas de aula, um pátio externo, dois banheiros para as crianças, um banheiro para os funcionários, uma cozinha, uma despensa, uma sala de secretaria/direção, um almoxarifado e uma sala para os professores. Este espaço atende satisfatoriamente ao número de alunos que estão

atualmente matriculados na Instituição.

No que diz respeito ao município de São Mateus, tem as seguintes informações (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS, 2019):

É considerado o segundo município mais antigo do Estado do Espírito Santo, com a sua fundação em 21 de setembro de 1544. Tem uma população atual em torno de 120 mil habitantes. É o sétimo mais populoso e o primeiro em população afro descendente do Estado. Há ainda a presença de descendentes de imigrantes italianos. Limita-se ao norte com os municípios de Boa Esperança, Pinheiros e Conceição da Barra; ao sul com São Gabriel da Palha, Vila Valério, Jaguaré e Linhares; a leste com o oceano Atlântico e a oeste com Nova Venécia. Dista da Capital do Estado, Vitória, 215 km.

Sua economia está baseada na exploração e produção de petróleo e na agricultura. Também se destaca pelo turismo, tanto histórico quanto de temporada.

Em reação à cultura, São Mateus foi a primeira cidade do Espírito Santo a possuir um teatro. Há registros no município de vários grupos de teatro ao longo de sua história, dentre estes podem ser citados o Grupo Mateense de Teatro Amador (GRUMATA), o Grupo Improvisando Arte Teatral (IMPROART), o Grupo de Teatro Popular, a Academia Elenco de Teatro, o Grupo Épico de Teatro, a Companhia Teatral Gêneses do Interlúdio e o Grupo de Teatro Ascensão, que realiza a encenação da Paixão de Cristo no Bairro Ponte desde 1987.

A cidade possui uma orquestra, que também atua como banda de fanfarra, denominada Lira Mateense. Fundada em 21 de setembro de 1909, caracteriza-se, ao lado da Orquestra Sinfônica do Estado do Espírito Santo, como os dois principais grupos do estado. Atua também na educação musical de jovens e adultos de forma gratuita.

Sobre a educação, a sua secretaria é responsável por assegurar a organização eficaz do ensino e aprendizagem e ofertar a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. São desenvolvidas políticas pedagógicas para promover a interação de escolas, pais, alunos e comunidades; promover o bem-estar dos estudantes, através de atividades fora da sala de aula, com programações culturais e esportivas; promover o desenvolvimento da tecnologia em educação na rede municipal de ensino; assegurar padrões de qualidade de ensino e implantar políticas públicas de democratização do acesso ao ensino fundamental e de inclusão social.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados das pesquisas de campo e pesquisa-ação envolvendo a Oficina de instrumentos musicais, os pontos norteadores do processo de observação, os resultados dos questionários respondidos pelos pais, dos questionários respondidos pelos professores, pela pedagoga e pela gestora, bem como a compreensão acerca das atividades envolvendo a música, aplicadas pela pesquisadora em sala de aula.

A oficina ora descrita e os seus resultados, servem como sugestão para professores que atuam na Educação Infantil e que estejam dispostos a experimentar e vivenciar a música em sala de aula, bem como em outros níveis e espaços. Portanto, a oficina desenvolvida na sala de aula da Creche Nível II, quando as crianças participaram da confecção dos instrumentos musicais.

Vale registrar que a Oficina não é uma proposta rígida, pode ser alterada conforme o perfil do público a qual ela se destina.

A Oficina de instrumentos musicais tinha como objetivo geral, estimular a coordenação motora, a expressão oral, bem como a descoberta dos sons presentes no cotidiano e a interatividade.

Sua relevância estava na produção e criação, pela própria criança, de objeto, no caso, instrumento musical.

A realização envolveu todas as crianças da turma. Os alunos levaram material reciclado de casa, como garrafas pet, latas, tampinhas de garrafa e outros; os cortes e adaptações foram feitos cuidadosamente pela professora; os alunos pintaram, colaram e passaram barbantes pelos objetos, dentre outras ações.

Após a confecção dos instrumentos, as crianças ensaiaram e cantaram músicas, acompanhadas por eles mesmos.

Gomes (2006, p. 39), destaca que,

[...] a essência do bom professor está na habilidade de planejar metas para a aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, auxiliar no uso das diferentes linguagens, realizar intervenções e mudar a rota quando necessário. Talvez os bons professores sejam os que respeitam as crianças e por isso levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica.

O professor, portanto, apoia seus alunos em suas descobertas, incentivando e proporcionando espaços de aprendizagens ilimitadas. Isto significa professor “aprendente-ensinante”, algo que frequentemente desafia o educador, especialmente

viver constantemente experiências dentro da escola, que vão desde a angústia do silêncio, passando pelas perguntas sem respostas, do saber e, ao mesmo tempo, ver-se como ignorante, chegando até à pretensão de vencer os obstáculos que o “universo do saber” descortina à sua frente. Deste modo, ser aprendiz e ensinante, em um mesmo espírito, se torna muito relevante, pela forma como se misturam os ânimos da mesma pessoa.

O pensador Freire (1997, p. 26) relata que,

Talvez seja interessante para os professores que trabalham com crianças tentar entender um pouco melhor o significado do ato de sugar, pois isso seguramente facilitará o entendimento do comportamento de seus alunos. As crianças morrem de tantas espécies de fome e nós continuamos achando que amor, atenção, relações sociais, problemas não são alimentos! Compreender um ato motor como sugar mostra-nos que não há desenvolvimento sem alimento, em qualquer de seus aspectos.

Desta forma, para Freire o sugar seria a ingestão não de alimentos físicos, mas do afeto, da sociabilidade, da cognição, da motricidade e tudo mais que componha o ser. Daí a minha preocupação em ir além da motivação como professora, provocando também o desejo de se fazer, de transpor além dos muros da escola. Confirmei isto realizando brincadeiras bastante significativas: a brincadeira do litro (Figura 12 e Figura 13) e a brincadeira dos palitos (Figuras 14 e 15). Aliando, portanto, competência à qualidade, entende-se a relevância do brincar na escola de uma maneira diferente. Em um espaço onde os jogos e a brincadeira sejam modos de contribuir para que haja significação nas várias maneiras de aprender.

Em relação à família, participaram da pesquisa os pais dos 20 alunos que pertencem às salas de Creche Nível II. Para estes sujeitos foi elaborado e apresentado um questionário específico (Apêndice B), a fim de atender às prerrogativas da investigação acerca da visão dos pais sobre a musicalização e seus efeitos na vida da criança, sempre dentro do processo de adaptação destas ao espaço da Educação Infantil.

É importante destacar que o posicionamento dos pais e responsáveis sobre o trabalho que é feito na unidade pesquisada, no que diz respeito à musicalização e seus efeitos no comportamento das crianças se mostrou satisfatório, tendo em vista os resultados constatados. Quando foram solicitados a escolher uma das músicas e um instrumento dentro da caixa e cantasse com o/a filho (a), todas as 20 crianças apresentaram resultado positivo, inclusive com relatos, mesmo que parecidos, bastante relevantes para a pesquisa realizada.

Nas declarações dos pais, destacam-se:

- “A ampliação do vocabulário;
- Os movimentos corporais se desenvolveram;
- Ajuda a desinibir a criança;
- Desenvolvimento psicomotor e cognitivo;
- Há agora uma interação mais efetiva das crianças;
- A musicalidade foi despertada;
- Há mais alegria e dinamismo, pois, a criança naturalmente desperta a sua capacidade de raciocínio e atenção;
- Potencial dos filhos em relação à percepção musical e interesse em cantar (exemplo: na hora de dormir);
- O desenvolvimento da oralidade e dicção (a fala mais esclarecida) e interação com outras crianças.
- Há também apoio à escrita.
- Felicidade e alegria para a criança, estando ela em casa ou em outros ambientes.
- Socialização para os mais tímidos, quando estes têm que “ensinar” as músicas a outras crianças.
- Incentivo e motivação a continuar com o interesse pela música.
- Exercício da memória e memorização.
- Projeto educativo e proveitoso para o desenvolvimento da criança, no contexto da coletividade.
- Alegria e aprendizado na família.
- O projeto em si já diz muito e desafia o envolvimento dos pais.”

Pelas afirmações dos pais envolvidos na pesquisa, destacam-se saberes nos níveis emocionais, interacionais, sociais, de conteúdos aprendidos na sala de aula, de satisfação das crianças e da família.

A seguir está transcrito o depoimento de uma mãe, ao ver seu filho radiante no envolvimento com a música:

Meu filho está simplesmente encantado com a música! O José não falava e tinha dificuldades em se comunicar. O que é bem diferente a partir da realização do projeto de musicalização da professora Juscilene. Agora ele fala bem, canta alegremente e está sempre disposto a se movimentar e participar.

Considera-se relevante a descrição espontânea da mãe acerca da

musicalização. Isso favorece o trabalho docente, o que se coloca a partir do próximo parágrafo.

Parte dos sujeitos da pesquisa foram os professores que compõem o quadro docente da creche, num total de nove educadores, a partir de questionário específico (Apêndice A), a fim de constatar as especificidades acerca da musicalização e sua importância no processo de adaptação das crianças ao ambiente da Educação Infantil. Foram direcionadas seis perguntas aos os nove professores e a pedagoga da instituição, e estes apresentaram as devidas respostas, as quais estão discutidas nas linhas a seguir:

Questão 01 - “Você estaria disposto(a) a participar da pesquisa que discute a música no processo de adaptação das crianças de dois anos?” – a totalidade dos participantes respondeu que sim, entendendo e justificando que “a musicalização atrai e envolve a criança”, sabendo que “o processo de adaptação é um momento em que a criança mais necessita de entretenimento e a música é bastante eficaz para tal”.

Questão 02 - “Qual a sua opinião acerca da importância da música na infância?” – as respostas foram diversas, mas sempre enfocando os aspectos positivos da mesma na vida da criança. As respostas dos entrevistados foram as seguintes:

Professor A: “Através da música, a criança vai para o mundo imaginário dela”;  
 Professor B: “A música na infância contribui para o desenvolvimento e as várias aprendizagens cognitivas, linguísticas e psicomotoras das crianças”;  
 Professor C: A música “estimula áreas do cérebro da criança e o desenvolvimento, como a linguagem e o afetivo”;  
 Professor D: Contribui para o “resgate de brincadeiras e movimentos, motivando as crianças que estão muito ocupadas com a as tecnologias e estão esquecendo da psicomotricidade”;  
 Professor E: “A música é importante, pois promove a interação do grupo”;  
 Professor F: “A música contribui para o desenvolvimento em diversas áreas”;  
 Professor G: A música é “satisfatória para a mente e o corpo”;  
 Professor H: A música é de “extrema importância, pois estimula áreas do cérebro da criança, além de desenvolver outras linguagens”;  
 Professor I: É importante porque “a criança nasce no meio musical; a memorização e o ritmo ela aprende com facilidade”.

Percebe-se, nas respostas dos professores, que há compreensão a respeito do envolvimento da música no cotidiano escolar e sua vasta contribuição na formação da criança.

Questão 3 – Você é estimulada a trabalhar a musicalização com seus alunos? – os entrevistados confirmaram o fato de que os cursos, realizados de formação continuada em serviço, os projetos postos pela escola, bem como as metodologias sugeridas nos programas de ensino, são os motivadores à realização de ações

envolvendo a musicalização em seu dia a dia com as crianças, proporcionando momentos de ludicidade, envolvimento e descontração.

Dessa forma, constata-se que as formações continuadas motivam os professores ao uso da música em sala de aula.

Questão 4 – “Marque a alternativa que mais se aproxima da reação dos alunos na utilização da música em suas aulas, com as alternativas: Apatia e indiferença; Ânimo e euforia; Calma e tranquilidade; ou Outra” – o apontamento maior foi para “ânimo e euforia”, com a justificativa de que a música estimula os movimentos e anima as crianças para brincar, cantar e se envolver com o seu grupo, inclusive quebrando a timidez e a quietude daqueles que se mostram, a princípio, inibidos com os movimentos e dinâmicas promovidos pelos educadores.

De acordo com a experiência da pesquisadora, as reações apresentadas nas respostas dos professores, confirmam a satisfação dos resultados em trabalhar com música.

Questão 5 – “A música ajuda no processo de adaptação das crianças de dois anos?” – as respostas foram também positivas por parte de todos os educadores inquiridos, tendo em vista a própria experiência de alguns e a observação de outros das ações realizadas pelas professoras que lidam com o nível de entrada das crianças na Creche Sementinha”.

Questão 6 – “A musicalização das crianças de dois anos mostra reflexos positivos no seu desenvolvimento nas etapas seguintes?” – as palavras dos educadores se mostraram excelentemente positivas, levando-se em consideração as suas próprias palavras:

Professor A: “Vejo o resultado na hora da aplicação”;

Professor B “Através da musicalização a criança desenvolve a sensibilidade, a capacidade de concentração, a memória, além de desenvolver a linguagem oral”;

Professor C: “É visível o desenvolvimento; a socialização; em contato com a música seu conhecimento auxilia na fala”;

Professor D: “O desenvolvimento na etapa de dois anos, que é quando eles começam a frequentar a escola, normalmente, ajuda sim nas etapas seguintes. As crianças que não tiveram contato com a musicalização parecem ser menos desenvolvidas”;

Professor E: “Ajuda na concentração, coordenação motora, oralidade, socialização etc.”;

Professor F: “Porque ela ajuda na psicomotricidade, na fala, na interação e socialização”;

Professor G: “A criança se torna uma criança ativa e sociável, com um repertório amplo”;

Professor H: “Pois quanto mais cedo for trabalhada a musicalização, futuramente se perceberá muitos benefícios na aprendizagem das crianças”;

Professor I: “Uma vez que a música faz fixar o tema trabalhado na mente da criança”.

Deste modo, tem-se respostas coerentes com a proposta de deixar as crianças aptas à vivência escolar, utilizando a música para transformar sua condição de estranhamento com o meio, para pessoas que se realizam ao estar no ambiente escolar. Crianças, por exemplo, que chegaram chorosas, temerosas e tristes, mostradas nas Fotografias 13 e 14, com destaque nas expressões das crianças. Pode-se ver o medo (de separar-se da mãe); de ficar em ambiente desconhecido; de enfrentar uma nova experiência, ou seja – primeiro momento na creche. A pesquisadora afirma a mudança de comportamento, adaptando-se prontamente ao espaço da sala de aula e à escola como um todo, flagrados nas fotografias anteriormente mostradas.

**Figura 13 – Crianças chegando chorosas**



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

**Figura 14 – Crianças chegando chorosas**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)**

Em depoimentos específicos pode-se constatar posturas importantes dos professores. O professor de Artes discorre da seguinte maneira:

Como professor de área específica da turma de dois anos, vejo que as crianças interagem muito mais com a presença da música. Elas se revelam e atraem facilmente com os sons e momentos, ajudando assim na coordenação motora dos pequenos (algo que é de sua importância). Sendo assim, a contribuição da música no processo de adaptação destas crianças muito tem

contribuído para o desenvolvimento das crianças no processo ensino-aprendizagem.

Outra professora relatou que o projeto tem ajudado, por conta do incentivo e estímulo à turma para diversas ações motivadas. “As crianças ficam mais atentas e participativas, diminuindo assim a timidez de alguns. Sendo assim, a interação fica visível entre eles”.

Estes educadores reiteram o que diz Coropos (2007, p. 22-23), quando esta afirma que,

A música também traz efeitos muito significativos no campo da maturação social da criança. É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. As brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar. Além disso, a música também é importante do ponto de vista da maturação forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação.

Há que se destacar aqui o olhar pedagógico e acompanhador de alguém que trabalha no apoio às práticas de sala de aula e contribui muito para que as aprendizagens e o desenvolvimento dos alunos sejam satisfatórios. Deste modo, a Pedagoga destacou que “a música contribui muito na adaptação das crianças, pois através da música a criança vai se descobrindo e integrando-se com os outros. Além do prazer em ouvir músicas, a criança desenvolve a socialização e afetividade, favorecendo sua adaptação com os colegas, professores e escola”.

A entrevista com a gestora, que atua desde o ano de 2016, certamente que apresentou aspectos diferenciados, que vão desde a compreensão de que “a música na infância é importante por contribuir em muitos aspectos, tais como socialização, expressividade, coordenação motora, percepção sonora etc.”, até o fato de que “a música faz parte da proposta de ensino da Educação Infantil que trabalhamos”. Sua postura pode caracterizar um posicionamento que incentive a importância da musicalização das crianças. A figura da gestora é por demais relevante para que o processo de ensino e aprendizagem seja bem-sucedido.

Esta educadora, então, relatou que, acerca do projeto de musicalização, o mesmo tem contribuído no desenvolvimento das crianças do CEIM Sementinha, afirma: “Tenho visto que a música tem trazido benefícios para a s nossas crianças como: acalmar no momento de insegurança e agitação e proporciona uma interação entre elas”.

Destaque para seu posicionamento para a Questão 6: “A musicalização das crianças de dois anos mostra reflexos positivos no seu desenvolvimento nas etapas seguintes?”, quando enfatizou que “a criança desenvolve diversas habilidades necessárias para suas próximas etapas”.

Portanto, estas ações consistiram em momentos lúdicos, com o uso da música, a confecção e utilização de instrumentos musicais e a observação de sons na própria natureza. Os resultados se mostraram gratificantes, tendo em vista o envolvimento da criança, sua empolgação e desejo de prestar atenção, repetir os passos da professora e assimilar o conhecimento proposto, conforme registros no capítulo 5.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou dar ênfase a importância da música e musicalização para a adaptação da criança em seu início e desenvolvimento na creche, espaço que ela adentra a partir dos dois anos de idade. A Educação Infantil, inclusive, se mostra toda norteada pelo trabalho com a música e aquilo que ela pode proporcionar ao universo da criança.

Confirma-se que este o trabalho com a música traz consigo excelente aceitação por parte das crianças, pois lhes dá tranquilidade, quando necessário, ou motivação para realização de tarefas e atividades físicas e corporais (e outras), incentivadas a participar.

Os pais e responsáveis das crianças se mostraram também bastante motivados, a partir do momento em que constataram o envolvimento dos filhos e as mudanças comportamentais dos mesmos no contato com a escola, com as dinâmicas utilizadas e com o carisma dos educadores e educadoras que acolheram diariamente a sua criança.

Confirma-se ainda que a música serve como meio para auxiliar o ensino e a aprendizagem, proporcionando meios lúdicos para o desenvolvimento da coordenação motora, da interação e convivência em sociedade, bem como da própria aprendizagem escolar

Sendo a música e a educação e as crianças universos muito próximos, procurou-se desenvolver a pesquisa visando esclarecer os objetivos específicos, que foram: identificar os fatores que influenciam o processo de adaptação da criança ao meio escolar através da música na primeira infância; e sugerir, por meio de práticas pedagógicas, a contribuição da musicalização e sua ludicidade no processo de adaptação das crianças na creche Nível II.

Assim, quanto à proposta de identificação dos fatores influenciadores, aqui está exposto claramente que isto se constitui fato. As discussões confirmam que as crianças são envolvidas pela música e conseguem, desde muito cedo em sua existência, interagir e dar respostas positivas às melodias e práticas sonoras, inclusive envolvendo suas emoções e seu corpo.

Quanto à presença da musicalização no processo de adaptação ao espaço escolar, confirma-se, seja através das práticas realizadas em projetos com as crianças

no espaço escolar, pela pesquisadora, seja pelos depoimentos de pais e responsáveis, seja ainda pelo posicionamento dos educadores ouvidos, que a presença da música tem benefícios maravilhosos. A utilização da música, em suas várias facetas, traz consigo a calma, o despertar, a curiosidade, os desafios de atender aos comandos da professora, a motricidade, a interação com o meio, dentre tantos outros valores que se agregam ao universo da Educação Infantil.

Todas estas constatações e ratificações estão apresentadas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. O esforço em pesquisar de perto o assunto foi recompensado pelo retorno dado, primeiramente, pela CEIM “Sementinha”, que se constituiu como espaço da investigação. Um ambiente que estimula o trabalho docente e aconchego aos pequeninos. As respostas e o retorno dado através do comportamento das crianças, sua mudança de comportamento e envolvimento também testificam a grandiosidade da empreitada. Sem falar que os educadores que compõem o quadro da instituição se mostraram solícitos e prontamente colaboraram com o que lhes foi solicitado. Suas falas empolgam. E, por fim, os pais e responsáveis dos alunos, que aceitaram trabalhar a música com seus filhos e expressar os resultados de tal prática.

Corroborar-se aqui, portanto, que a ideia de que a linguagem musical é uma das formas importantes de expressão humana e está presente no contato da educação em geral, mas principalmente na Educação Infantil, onde as crianças ficam encantadas, tendo a música como uma aliada componente condutora no processo contínuo de novas construções e que envolve vários sentimentos do ser humano, tais como: alegria, tristeza, sonhos, etc. A música, como atividade interativa no desenvolvimento crítico e social no contexto da Educação Infantil, se concretiza na construção de instrumentos musicais, na composição e execução das músicas, nas brincadeiras de roda e, conseqüentemente, contribui com a facilidade da prática educativa.

Deste modo, esta pesquisa deve servir de momento provocativo, reflexivo e desafiador para todos quantos tenham o desejo de trabalhar a música e a musicalização no contexto escolar infantil, com a proposta de adaptação das crianças e sua aceitação da nova realidade que lhe é imposta pela sociedade: a escolarização e formação estudantil.

## 6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. (Org.). **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, Cleusa Pires de. **As idas e vindas na formação do professor**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 6. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: introdução**. vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Papirus, 2013.

CARDOSO, Bruna. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo: Editora Anzol, 2012.

COLL, César, TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte**. São Paulo: Ática, 2000.

COLONETTE, Channaele Mangili; CAMARGO, Gislene. A relevância da música aa Pré-Escola: acervos e práticas pedagógicas de um Centro Educacional Infantil no Município de Içara/SC. **Revista Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 1, nº 2, julho/dezembro 2017. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/pedag/article/view/3393>. Acesso em: 23 Abr. 2019.

COROPOS, Mônica. **A música na educação infantil: uma proposta para a formação musical do educador**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós graduação). Disponível em: [https://www.academia.edu/13989100/A\\_M%C3%9ASICA\\_NA\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_INFANTIL\\_Uma\\_proposta\\_para\\_a\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_musical\\_do\\_educador](https://www.academia.edu/13989100/A_M%C3%9ASICA_NA_EDUCA%C3%87%C3%83O_INFANTIL_Uma_proposta_para_a_forma%C3%A7%C3%A3o_musical_do_educador) Acesso em: 22 Abr. 2019.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

DECKERT, Marta. **Educação musical: da teoria à prática na sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2012.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Gestão educacional: uma questão paradigmática.** Petrópolis: Vozes, 2006.

FELICIANO, Sarynna Ziretta. **A Música na educação infantil.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/54802.pdf>. Acesso em: 22 Abr. 2019.

FRAIDENRAICH, Verônica. Educação infantil: o que é importante para garantir a qualidade do atendimento na creche e na pré-escola. **Revista gestão escolar**, n. 45, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche.** 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental.** 7. ed. Coleção Papirus Educação. Campinas, SP: Papirus, 2010.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical.** Série educação musical. Curitiba: Ibpex, 2011.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de (Org.). **O trabalho do professor na educação infantil.** São Paulo: Biruta, 2012.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Tereza Venceslau de. **Interações – ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar.** Coleção interações. São Paulo: Cortez, 2012.

PALMEN Sueli Helena de Camargo. **O trabalho do gestor na educação infantil: concepções, cenários e práticas.** Campinas, SP: Unicamp, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000942501&fd=y>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças.** Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PENNA, Maura. **Reavaliações e Buscas em Musicalização.** São Paulo: Loyola, 1990.

PEREIRA, Maria Matilde de B. A música como atividade interativa no desenvolvimento crítico e social da Educação Infantil. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, 2017, vol.11, n.38, p. 419-430. ISSN: 1981-1179.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS. 2019. Disponível em: <<https://www.saomateus.es.gov.br/>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

QUEIROZ, Tânia D. **Manual pedagógico: do educador da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.** São Paulo: Rideel, 2011.

SILVA, Marcos Antonio da. A técnica da observação nas Ciências Humanas. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413-423, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/viewFile/3101/1889>. Acesso em 28 de fevereiro de 2020.

SOUZA, Jusamara et al. **O que faz a música na escola?** Concepções e vivências de professores do ensino fundamental. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2002.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em 28 de fevereiro de 2020.

VIGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZAGONEL, Bernadete. **Brincando com a música na sala de aula: jogos de criação musical usando a voz, o corpo e o movimento**. São Paulo: Saraiva, 2012.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDUCADORES

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**  
**“MUSICALIZAÇÃO E INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO PROCESSO**  
**DE ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”**

1. Você estaria disposto(a) a participar da pesquisa que discute a música no processo de adaptação das crianças de dois anos?

Sim                       Não

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Qual a sua opinião acerca da importância da música na infância?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Você é estimulada a trabalhar a musicalização com seus alunos?

Sim                       Não

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Marque a alternativa que mais se aproxima da reação dos alunos na utilização da música em suas aulas.

Apatia e indiferença.

Ânimo e euforia.

Calma e tranquilidade.

Outra: \_\_\_\_\_

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. A música ajuda no processo de adaptação das crianças de dois anos?

Sim                       Não

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. A musicalização das crianças de dois anos mostra reflexos positivos no seu desenvolvimento nas etapas seguintes?

Sim                       Não

Justifique: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**  
**“MUSICALIZAÇÃO E INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO PROCESSO**  
**DE ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL”**

Prezado(a) pai/mãe ou responsável, favor atender ao que se pede

1. Escolha uma das músicas e um instrumento dentro da caixa e cante/toque com o/a seu/sua filho(a).

2. Relate, em uma pequena frase, que tiveram com a prática solicitada aqui.

---

3. como percebe a musicalização trabalhada no espaço escolar do(a) seu/sua filho(a)?

(  ) Positivo                      (  ) Negativo

Comentário (opcional): \_\_\_\_\_

---

Caso queira, favor tirar foto deste momento lúdico com seu/sua filho(o).

